



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**



**MÚSICA E MISOGINIA: OS IMPACTOS DE CURTO PRAZO NAS ATITUDES
FRENTE À MULHER E NA AGRESSÃO**

**MUSIC AND MISOGYNY: THE SHORT-TERM IMPACTS ON ATTITUDES
TOWARDS WOMEN AND AGGRESSION**

DÉBORA CRISTINA NASCIMENTO DE LIMA

João Pessoa – PB

Março, 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**MÚSICA E MISOGINIA: OS IMPACTOS DE CURTO PRAZO NAS ATITUDES
FRENTE À MULHER E NA AGRESSÃO**

**MUSIC AND MISOGYNY: THE SHORT-TERM IMPACTS ON ATTITUDES
TOWARDS WOMEN AND AGGRESSION**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

João Pessoa – PB

Março, 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732m Lima, Débora Cristina Nascimento de.

Música e misoginia "os impactos de curto prazo nas atitudes frente à mulher e na agressão" / Débora Cristina Nascimento de Lima. - João Pessoa, 2021.
102 f. : il.

Orientação: Carlos Eduardo Pimentel.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Música - misoginia. 2. Músicas misóginas. 3. Mulher - agressão. 4. Letra de música - mensagem. 5. Escala de atitudes - mulher. I. Pimentel, Carlos Eduardo. II. Título.

UFPB/BC

CDU 78(043)

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e quatro dias do mês de março de dois mil e vinte e um, reuniram-se em solenidade pública, via videoconferência, os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social para o exame de Defesa de dissertação da discente **DÉBORA CRISTINA NASCIMENTO DE LIMA** (orientanda, UFPB, CPF: 020.882.182-11). Foram componentes da banca examinadora: Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel (UFPB, Orientador, CPF: 023.802.314-19), Prof. Dr. Cicero Roberto Pereira (UFPB, Membro interno ao programa, CPF: 982.070.754-49) e Prof. Dr. Tailson Evangelista Mariano (UFPB, Membro externo ao programa, CPF: 008.681.253-00). À cerimônia compareceram, além da examinada, alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, a presidente da banca, Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel, após declarar o objetivo da reunião, apresentou a examinada **DÉBORA CRISTINA NASCIMENTO DE LIMA** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que apresentasse o conteúdo do trabalho, intitulado: **"MÚSICA E MISOGINIA: OS IMPACTOS DE CURTO PRAZO NAS ATITUDES FRENTE À MULHER E NA AGRESSÃO"**. A seguir, a examinada foi arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe a avaliação **"APROVADO"** na defesa do trabalho final para conclusão do curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, nível mestrado. Nada mais havendo a tratar, eu, Patrícia Nunes da Fonseca, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos, assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 24 de março de 2021.



Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel



Prof. Dr. Cicero Roberto Pereira



Prof. Dr. Tailson Evangelista Mariano



Prof.ª Dr.ª Patrícia Nunes da Fonseca
(Coordenadora do PPGPS)

Aos meus pais e minhas irmãs.

“People haven't always been there for me but music always has.”

T.S

AGRADECIMENTOS

O momento de agradecer é certamente o mais sensível e especial. É impossível não se emocionar, pois relembro todo o caminho percorrido até esse momento. No entanto, por mais difícil que tenha sido, eu fui agraciada com pessoas incríveis que tanto me ajudaram e aqui quero expressar minha gratidão.

Quero iniciar dedicando esse trabalho aos meus pais Raimunda e Roberval, que sempre incentivaram e apoiaram todos os meus sonhos. Eu me sinto tão sortuda por tê-los como pais e é maravilhoso dividir isso com vocês. Quero agradecer às minhas irmãs Marta e Clicia por sempre estarem do meu lado nos bons e maus momentos. Obrigada por cuidarem tão bem de mim. Agradeço aos meus irmãos Jedaia e Cleverton e aos meus incríveis sobrinhos: Davi, Gabriel, Silas, Eduardo, Manu, Miguel e Sophia. Não poderia deixar de citar aqui meu primo Natan, que tantas vezes ouviu meus desabafos e mesmo assim conseguia enxergar o lado leve da situação. Obrigado pelos risos bi. Meus agradecimentos também se estendem à toda minha família.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel, que me recebeu no núcleo de braços abertos e tanto me ensinou. Também gostaria de agradecer a banca formada pelo Prof. Dr. Cicero Roberto Pereira e Prof. Dr. Tailson Evangelista Mariano. Tê-los em minha banca é motivo de grande orgulho, obrigada por todas as contribuições e pelo zelo com meu trabalho. Estendo meus agradecimentos ao LPM. Obrigada pela sincera acolhida, especialmente, Isabella, Tamyres e Helena. Agradeço à toda turma do mestrado, compartilhamos momentos de muito aprendizado. Amanda, Isaac e Linniker, foi incrível estar com vocês nessa jornada. Nós compartilhamos tanto e com certeza foi mais fácil com vocês ao meu lado. Lucas e Allysson, dois presentes que ganhei em João Pessoa, vocês são maravilhosos e obrigada por tudo.

Não poderia terminar sem agradecer de todo meu coração Priscila e sua família, especialmente Rosélio e Sônia que abriram as portas de sua casa para mim quando saí do Acre e vim para João Pessoa. Teria sido tudo mais difícil se eu não tivesse o apoio de vocês, serei eternamente grata. Agradeço a todos meus amigos, seja no Acre ou em João Pessoa, todos foram fundamentais.

Por fim, gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro sem o qual não seria possível concluir meu mestrado.

RESUMO

A indústria musical com estratégias cada vez mais sofisticadas, vem crescendo exponencialmente ano após ano, repassando os mais diversos tipos de mensagens nas letras das músicas. Composta por “elementos simbólicos”, as músicas podem ajudar a romper paradigmas ou auxiliar na manutenção das violências e desigualdades. No entanto, sabemos pouco sobre os efeitos de músicas misóginas nas atitudes frente às mulheres e na agressão. Assim, a presente dissertação teve como objetivo superar essa lacuna teórica investigando os efeitos de músicas misóginas em atitudes frente às mulheres e na agressão. Para tanto realizamos quatro estudos. O Estudo 1 foi uma revisão bibliográfica, a fim de alcançar uma visão panorâmica dos estudos com letras de música. Os resultados mostraram que os efeitos negativos das músicas são os mais estudados. O Estudo 2 teve como objetivo adaptar e validar a Escala de Atitudes frente a Mulher (AFM). Através das análises fatorial exploratória ($N = 224$; $M_{idade} = 32,46$; $DP = 10,87$) e confirmatória ($N = 254$; $M_{idade} = 30,2$; $DP = 10,99$). Os resultados apontaram para uma escala unifatorial e com consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,78$; $\omega = 0,80$). O Estudo 3 ($N = 261$; $M_{idade} = 29,14$; $DP = 10,14$), procurou investigar as relações das atitudes frente às mulheres com o sexismo ambivalente, agressividade e personalidade. Os resultados revelaram correlações negativas e significativas entre a AFM e sexismo benevolente ($r = -0,46$), hostil ($r = -0,52$) e agressão física ($r = -0,10$). Por fim, o experimento realizado no Estudo 4 ($N = 147$, $M_{idade} = 29,4$; $DP = 9,86$) mostrou efeitos da música misógina na agressão, porém não nas atitudes frente às mulheres. Os resultados confirmaram parcialmente as hipóteses levantadas (músicas misóginas influenciam nas atitudes frente à mulher e na agressão) e vão ao encontro de outras pesquisas. Por fim, a hipótese teórica do Modelo Geral da Agressão de que a exposição a mídiaviolenta influencia na agressão foi corroborada.

Palavras-chave: música; misoginia; mulher; atitudes; escala.

ABSTRACT

The music industry, with increasingly sophisticated strategies, has been growing exponentially year after year. Consequently, it passes the most diverse types of messages in the lyrics of songs. Composed of symbolic elements, the music can help to break paradigms or help to maintain violence and inequality. However, we know little about the effects of misogynistic songs on attitudes toward women and aggression. Thus, the present study aimed to overcome this theoretical gap by researching the effects of misogynistic songs on attitudes toward women and aggression. For this purpose, we conducted four studies. Study 1 was a literature review to get an overview of the studies with song lyrics. The results showed that the negative effects of songs are the most studied. Study 2 aimed to adapt and validate the Attitudes Toward Women Scale (AFM). Through exploratory ($N = 224$, $M_{age} = 32.46$, $SD = 10.87$) and confirmatory ($N = 254$, $M_{age} = 30.2$, $SD = 10.99$) factor analysis. The results pointed to a single-factor scale with satisfactory internal consistency. Study 3 ($N = 261$, $M_{age} = 29.14$, $SD = 10.14$) sought to investigate the relationships of attitudes toward women with ambivalent sexism, aggression, and personality. The results revealed negative and significant correlations between AFM and benevolent ($r = -0.46$), hostile ($r = -0.52$), and physical aggression ($r = -0.10$) sexism. Finally, the experiment conducted in Study 4 ($N = 147$, $M_{age} = 29.4$, $SD = 9.86$) showed effects of misogynistic music on aggression, but not on attitudes toward women. These results partially confirm the hypotheses raised and are in line with another research. These results partially confirm the hypotheses raised and are in line with another research. Finally, we confirmed the theoretical assumption that exposure to violent media influences aggression, according to the General Model of Aggression.

Keywords: music; misogyny; woman; attitudes; scale.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Visão geral do Modelo Geral da Agressão (adaptado de Allen & Anderson, 2017).	32
Figura 2. Dendrograma CHD do corpus	38
Figura 3. Gráfico de distribuição dos valores próprios e os componentes.	45
Figura 4. Modelo Estrutural da AFM.	52
Figura 5. Efeito de músicas misóginas e não misóginas na agressão física (IC 95% nos bigodes).	63
Figura 6. Diferenças entre os grupos quanto à agressão verbal (As barras indicam intervalos de confiança de 95%).	64

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização dos estudos selecionados	36
Tabela 2. Comparação entre o Critério de Kaiser e Análise Paralela	46
Tabela 3. Estrutura Fatorial da AFM	46
Tabela 4. Relações entre atitudes frente à mulher e as outras variáveis usadas no estudo	57
Tabela 5. Comparação das médias entre os grupos	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFE – Análise Fatorial Exploratória

AFM – Atitudes Frente a Mulher

ANOVA – Análise de Variância

CFA- Análise Fatorial Confirmatória

FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública

GAM – *General Aggression Model*

ISA- Inventário de Sexismo Ambivalente

QA-R – Questionário de agressão de Buss-Perry versão reduzida

SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TIPI - Inventário de Personalidade de Dez Itens

SUMÁRIO

Introdução	31
Capítulo 1	35
Referencial Teórico	35
<i>Estudos com letras de músicas</i>	38
<i>A Misoginia na mídia</i>	40
<i>Músicas com letras misóginas</i>	43
<i>General Aggression Model (GAM)</i>	45
Capítulo 2:	49
Estudo 1. Revisão bibliográfica sobre os estudos com letras de músicas	49
Método	49
<i>Tipo de estudo</i>	49
<i>Bases de Dados e Estratégias de Busca</i>	49
<i>Critérios de Inclusão e Exclusão</i>	49
<i>Coleta e Qualidade dos Dados</i>	50
<i>Análise de dados</i>	50
Resultados	50
Capítulo 3:	57
Estudo 2.1 Adaptação e evidências iniciais de validade e precisão da Escala de Atitudes frente à Mulher no contexto brasileiro	57
Método	57
<i>Participantes</i>	57

<i>Instrumentos</i>	58
<i>Procedimentos</i>	58
<i>Processo de tradução e adaptação cultural</i>	59
<i>Análise de dados</i>	60
Resultados	60
Discussão	64
2.2 Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Atitudes frente à Mulher	65
Método	65
<i>Participantes</i>	65
<i>Instrumentos</i>	65
<i>Procedimentos</i>	66
<i>Análise de dados</i>	66
Resultados	66
Discussão	68
Capítulo 4:	71
Estudo 3. As relações entre as atitudes frente às mulheres, sexismo ambivalente, agressão e personalidade	71
Método	71
<i>Participantes</i>	71
<i>Instrumentos</i>	71
<i>Procedimentos</i>	72
<i>Análise de dados</i>	73

Resultados	73
Capítulo 5:	77
Estudo 4. Músicas misóginas influenciam a agressão e atitudes desfavoráveis as mulheres?	77
Método	77
<i>Participantes</i>	77
<i>Instrumentos</i>	78
<i>Procedimentos</i>	78
<i>Análise de dados</i>	80
Resultados	80
<i>Manipulation Check</i>	80
Capítulo 6:	86
Discussão Geral da Dissertação	86
Principais Resultados	86
Implicações teóricas	88
Direções futuras	89
Limitações	89
Considerações finais	90
REFERENCIAS	90
ANEXOS	105

Introdução

Os efeitos da exposição à mídia têm sido tratados sistematicamente na área da Psicologia. As pesquisas realizadas neste campo têm abordado filmes violentos (Anderson, 1997; Bandura, 1965; Bandura, Ross, & Ross, 1963; Berkowitz, Corwin, & Heironimus, 1963; Bushman, 1995, 1998; Bushman & Geen, 1990), videogames (Mariano, 2016; 2020) e as músicas (Pimentel & Gunther, 2009), como influência aos comportamentos antissociais, principalmente a agressão e variáveis relacionadas. Composta por “elementos simbólicos” que possibilitam a consistência interna aos grupos, a música permite que os sujeitos formem e ratifiquem sua identidade. Neste sentido, os elementos auxiliam na construção do sentimento de pertencimento a uma tribo social (Pais, 1998). Sua influência ganha ênfase principalmente entre os jovens, uma vez que esse grupo utiliza as músicas como forma de resistência, seja às autoridades ou para afirmar as suas diferenças individuais (e.g., personalidade).

Nessa direção a indústria musical, com estratégias cada vez mais sofisticadas, vem crescendo exponencialmente ano após ano, repassando os mais diversos tipos de mensagens nas letras das músicas. Para Tekman e Hortaçsu (2002), por exemplo, é através da mesma que os sujeitos criam dispositivos avaliativos e processos de identificação grupal, o que consequentemente, acaba por confirmar o quanto essa mídia é importante nas diversas situações em que o indivíduo se encontra no dia a dia. Desse modo, essa influência pode ser vista desde a escolha de um determinado vestuário à atração ou à rejeição por determinados grupos sociais.

Dessa forma, a musicalidade vem sendo inserida em diversas áreas do conhecimento científico como a Psicologia Cognitiva, Biológica, Clínica e também na Neurociência (Rentfrow & Gosling, 2003). Pesquisas têm verificado a importância dada a esta temática, seja mensurando a quantidade de horas que os sujeitos gastam ouvindo música (Brown,

Campbell, & Fischer, 1986) ou analisando a preferência por este tipo de mídia (Roberts & Henriksen, 1990). Dessa forma, além de ser consumida mundialmente, a música possui um potencial direto nas relações sociais, tendo em vista que a maneira como nos relacionamos tanto a nível interpessoal ou intergrupar pode ser mediada por esse elemento social. Assim, Fried e Berkowitz (1979) apontam que músicas harmônicas têm o potencial de contribuir na construção de relações harmoniosas. Já Rentfrow e Gosling (2003) verificaram que em comparação com outras atividades de lazer, ouvir música era a atividade mais frequente do que assistir televisão, ler livros ou assistir a filmes. Todavia, a depender do tipo de música, as pessoas podem sofrer diferentes tipos de influências (e.g., positivas ou negativas) a depender do estilo musical.

Por exemplo, estudos demonstraram que letras de músicas agressivas podem estimular pensamentos, percepções e comportamentos (Anderson, Benjamin, & Bartholow, 1998; Bargh, Chen, & Barrows, 1996; Bargh & Pietromonaco, 1982). Fischhoff (1999), por exemplo, investigou os julgamentos negativos, enquanto que Chen, Miller, Grube e Waiters (2006) observaram a relação entre músicas e o uso de drogas e agressão. Nessa mesma direção, a pesquisa conduzida por Anderson, Carnagey e Eubanks (2003), mostrou que houveram efeitos de músicas com letras violentas nos níveis de agressividade e de hostilidade de estudantes, sendo observado que, ao ouvirem uma música violenta, os participantes se sentiram mais hostis do que aqueles que ouviram uma canção semelhante, mas não violenta. Por outro lado, Greitemeyer (2009) e North, Tarrant e Hargreaves (2004), verificaram os efeitos da música no comportamento pró-social na percepção do comportamento pró e antissocial, demonstrando que a música pode influenciar positivamente as pessoas com relação à intenção de ajudar.

A música também tem sido estudada com relação à sua influência nas condutas transgressoras. No estudo de Pimentel e Gunther (2009), a percepção de letras de músicas é

tida como influenciadora de comportamentos antissociais. Nesta pesquisa, estudantes universitários avaliaram que as letras de músicas de *rap* e *heavy metal* com conteúdo antissocial seriam prováveis de influenciar comportamentos antissociais nos ouvintes (para uma revisão ver American Academy of Pediatrics, 1996). Ademais, Lennings e Warburton (2011) verificaram que letras violentas produziram mais comportamentos agressivos do que letras de músicas não violentas, controlando-se o tom musical, a presença de vídeo e variáveis de personalidade.

Estudos com letras de músicas misóginas também têm sido incluídas no foco de pesquisas a fim de compreender seus efeitos nos indivíduos. Nessa perspectiva, destaca-se a pesquisa de Fischer e Greitemeyer (2006) realizada com amostras masculinas. Nesse estudo, os autores observaram que o grupo que ouviu uma música com estímulo misógino (vs. estímulo neutro) apresentou atitudes mais agressivas frente a um alvo do sexo feminino. No estudo experimental de Hall, Hill e West (2012), também realizado com uma amostra exclusivamente do sexo masculino, sendo esses alocados em três grupos (dois experimentais vs. um controle), foi observado que participantes dos grupos expostos a músicas com letras misóginas (i.e., grupos experimentais) apresentaram atitudes mais negativas frente a um alvo do sexo feminino do que os participantes na condição de música neutra, dado o forte endosso à intenção de submeter mulheres a períodos mais longos de “tratamento com água gelada”.

Curiosamente, todos os estudos até então apresentados foram produzidos em contexto internacional, o que evidencia a escassez de pesquisas brasileiras sobre os efeitos de músicas misóginas. Dessa forma, ainda não se sabe como músicas misóginas afetam as atitudes e comportamentos de adultos no Brasil frente às mulheres em geral.

Além disso, existem inúmeras perguntas sem resposta que precisam de pesquisas adicionais. Por exemplo: qual a influência das letras misóginas nas atitudes frente a mulher? Músicas misóginas podem influenciar a agressão? Neste sentido, se faz necessário o

empreendimento empírico na busca de tentar compreender alguns dos aspectos mais básicos desse construto (objetivamente, o papel de músicas misóginas nas atitudes frente às mulheres). A presente dissertação busca responder a esses questionamentos, analisando os fenômenos elencados à luz do Modelo Geral da Agressão (GAM, Anderson & Bushman, 2002a, 2018). Para isso, parte-se das seguintes hipóteses: 1) as músicas com conteúdo misógino produzem atitudes desfavoráveis em relação a mulher; 2) as músicas com letras misóginas influenciam na agressão; 3) atitudes favoráveis frente às mulheres se relacionem negativamente com o sexismo ambivalente; e por fim, 4) atitudes desfavoráveis as mulheres se relacionem positivamente com a agressão.

Para melhor organização dos estudos, esta dissertação é apresentada em capítulos. O primeiro capítulo diz respeito ao referencial teórico, enquanto que os capítulos seguintes apresentam os estudos empíricos. O estudo 1 trata-se de uma revisão bibliográfica geral sobre estudos realizados com letras de músicas, a fim de alcançar uma compreensão sistematizada e analítica da produção científica. O estudo 2 teve por objetivo adaptar e validar a Escala de Atitudes frente à Mulher, sendo realizadas as análises fatoriais exploratória e confirmatória da medida, visando alcançar o modelo mais adequado do construto aplicado com amostras brasileiras. O estudo 3 possui o delineamento correlacional, no qual foram analisadas as relações entre as atitudes frente a mulher e o sexismo ambivalente, agressão e as dimensões de personalidade. Por fim, o estudo 4 trata-se de um experimento, cujo objetivo foi verificar os efeitos de músicas misóginas nas atitudes agressivas frente à mulher.

Capítulo 1

Referencial Teórico

O surgimento de uma nova forma de mídia sempre foi encarado com desconfianças e preocupações quanto aos seus efeitos na sociedade. No entanto, as mídias sempre foram absorvidas rapidamente, uma prova disso é o grande entusiasmo gerado pelos avanços tecnológicos que nos permitem estar conectados de todas as formas possíveis (e.g., televisão, *smartphones*, geladeiras) (Mariano, 2016). O poder de alcance das mídias é inegável, é através de redes compostas por meios de comunicação que determinada mensagem é repassada. Essas mensagens são compostas de aspectos simbólicos, sendo esses sua característica central (Eagleton, 1991). O interesse dos pesquisadores sobre a mídia pode ser dividido de acordo com a perspectiva de influência. Primeiro, por volta dos anos de 1940, era atribuída às mídias a capacidade de modificar atitudes e comportamentos. Em um segundo cenário no início dos anos 60, as mídias não são vistas como portadoras do poder transformador de comportamentos, ao menos de maneira imediata. Por fim, na terceira fase se reafirma o impacto da mídia, cada vez mais se desvelando suas multifacetadas (McQuail, 2000).

Ainda na terceira fase as questões externas e internas dos sujeitos também são estudadas, apontando que a mídia não age de forma independente de outros fatores que afetam os indivíduos. Dessa forma, tanto a percepção emocional quanto a resposta emocional dependem de uma interação entre fatores musicais, pessoais e situacionais (Gabrielsson, 2001). Nessa direção, as pesquisas tem abordado tanto os efeitos negativos da exposição às mídias violentas (e.g., músicas, propagandas, filmes, videogames) quanto aspectos psicossociais (e.g., personalidade, variáveis demográficas). Assim, a compreensão sobre as respostas afetivas influenciadas pelas mídias representa um desafio para pesquisadores da área, já que esses dispositivos são continuamente atualizados para abranger um público cada vez maior e mais engajado. Todo esse cenário resulta em profundas implicações sociais

(Kesner & Horáček, 2017).

Diante desse cenário, as pesquisas sobre os efeitos das mídias têm investigado vídeos musicais e seus efeitos em comportamentos antissociais (Hansen & Hansen, 1990) e os videogames (Anderson et al., 2010; Mariano 2020). Nesses estudos o foco era o efeito da exposição como um dos fatores no aumento da agressão e variáveis relacionadas (e.g., pensamentos e sentimentos). Os resultados apontam que exposição a longo prazo à mídia violenta possa diminuir a sensibilidade às representações de violência (Sun, Lu, Williams, & Thompson, 2019). Já a pesquisa de Friedrich e Stein (1973, 1975) cujo foco estava sobre os programas televisivos (pró-social, agressivo e neutro) e contou com amostra formada por crianças de 3 a 5 anos de idade, revelou que após quatro semanas do experimento as crianças da condição pró-social exibiam comportamentos mais autocontrolados, obedientes e persistentes ao completar tarefas.

Harris, Bargh e Brownell (2009) em estudo experimental com crianças e adultos buscaram saber até que ponto a exposição à publicidade de alimentos na televisão contribui para a obesidade. No primeiro cenário as crianças assistiram desenhos animados com propagandas de alimentos e outros produtos, paralelamente também eram distribuídos lanches. Posteriormente, os adultos foram expostos a um programa que incluía propagandas de lanches e diversos alimentos com apresentação de seus respectivos benefícios nutricionais. Os resultados mostraram que quando expostas à publicidade de alimentos as crianças consumiram mais (45%). Nos adultos o consumo variava de acordo com a exposição (alimentos saudáveis x alimentos não saudáveis), confirmando em ambas condições e com diferentes amostras que houve influência do conteúdo da propaganda no consumo. Ainda na esteira da influência sobre o consumo, Dal Cin, Stoolmiller e Sargent (2012) investigaram as relações entre a exposição a filmes de fumo e a iniciação e progressão do tabagismo na adolescência ao longo do tempo. O estudo contou com uma amostra de 6.522 adolescentes

estadunidenses. Os resultados revelaram que a exposição a filmes com fumantes e as variáveis (e.g., demográficas, personalidade e fatores estruturais) preveem o início do tabagismo e a vontade de fumar. Corroborando assim o efeito da mídia sobre a vontade de consumir tabaco e com o comportamento efetivo de consumi-lo.

O estudo também correlacional de Funk, Baldacci, Pasold e Baumgardner (2004), teve enfoque sobre a violência em diferentes dispositivos de mídia (e.g., videogames, televisão, cinema e internet) relacionados com a empatia e atitudes em relação à violência. Os resultados mostraram que a exposição à violência em videogames esteve associada negativamente com a empatia, que jogos de videogames e a exposição a filmes violentos se correlacionaram positivamente com atitudes pró violência. Ainda assim os autores apontaram para a necessidade de desenvolver outras pesquisas para examinar as relações entre os vários índices de dessensibilização e as fontes potenciais de exposição à violência na vida real e na mídia. Gentile, Coyne e Walsh (2011) afirmam que as pesquisas devem continuar a examinar os efeitos da exposição da mídia (principalmente a violenta), além de trabalhar um sentido mais prático ao apontar alternativas para o enfrentamento dessa problemática. Isto é, informando o público sobre as repercussões que essa exposição pode ter sobre as relações com os outros (Gentile, Coyne, & Walsh, 2011).

Portanto, diante da breve exposição das pesquisas envolvendo a mídia, podemos observar uma grande quantidade de pesquisas que buscam investigar uma variedade de dispositivos midiáticos disponíveis e seus efeitos nos sujeitos. Ressalta-se ainda, a relevância de investigarmos não somente os efeitos dos tipos de dispositivos (e.g., filmes, músicas, videogames, propagandas, vídeos) mas também os conteúdos presentes, ou seja, qual mensagem está sendo transmitida. Por fim, é igualmente importante entender como os indivíduos estão internalizando esses conteúdos. As letras de músicas podem ser um importante exemplo disso.

A música tem sido apontada como potencial influenciadora do estado emocional, sendo a percepção musical relacionada às emoções dependentes de variáveis como a experiência emocional específica de cada um (Guida et al., 2007). A música é universal, seu consumo unânime entre os sujeitos independe do nível econômico, cultura ou idade. Faz parte das nossas experiências emocionais e sociais, tendo múltiplas funções a partir de interesses variados (Pais, 1998; Rentfrow & Gosling, 2003). Como qualquer expressão artística a música possui simbologia que permite a comunicação de grande alcance, se propaga pelas camadas sociais englobando as várias realidades existentes (Moraes, 2000). Assim, os sujeitos utilizam a música não somente para lazer, mas para avaliar os processos de identificação grupal. Atestando o uso diversificado dessa mídia nas situações de interações grupais, podendo favorecer a atração ou rejeição a determinados grupos (Tekman & Hortaçsu, 2002).

Neste sentido, as pesquisas têm abordado os efeitos nocivos das letras de músicas, como a agressão (Gutscher, Schramm, & Wirth, 2011), os estereótipos sexuais (Lawrence & Joyner, 1991), delinquência ou abuso de drogas (North & Hargreaves, 2008; Market, 2001). A pesquisa conduzida por Bower (1981) mostrou que as consequências da exposição às mídias violentas são observadas através da evocação de comportamentos agressivos facilitados por pensamentos ou *scripts*, isso ocorre por meio do processo de ativação por vias neurais associativas. Neste sentido, os estudos de Anderson et al. (2003) envolvendo músicas que continham conteúdo violento mostraram que quando os sujeitos eram expostos a essas letras havia aumento a acessibilidade a pensamentos e sentimentos agressivos. Dessa forma, à luz do Modelo Geral da Agressão (GAM) tais pensamentos e sentimentos são variáveis que antecedem o comportamento agressivo. Por fim, o estudo correlacional de Martino et al. (2006) revelou que os adolescentes (acompanhados durante três anos) que ouviram letras sexualmente degradantes se correlacionaram com maiores taxas de atividade sexual.

A fim de investigar se o gênero musical também era capaz de influenciar as respostas dos sujeitos, Pimentel e Gunther (2009) em estudo experimental com amostra composta por estudantes universitários, verificam a percepção de letras de músicas como influenciadoras de comportamentos antissociais. Os participantes relataram que as letras de músicas de *rap* e *heavy metal* que continham conteúdo antissocial seriam potencialmente capazes de influenciar suas respostas. Já Knobloch-Westerwick, Musto e Shaw (2008), analisaram as letras de 260 de músicas do gênero *rock* e *rap* nos anos de 1993 a 2003. Os resultados revelaram que em 80% das músicas havia alguma mensagem envolvendo comportamentos de risco ou hostil. Além disso, foi possível observar que as letras de *rap* continham mais mensagens rebeldes do que aquelas de *rock*.

No entanto, salientamos que a música não está somente atrelada ao aumento ou influência na agressividade. Há também as letras que desempenham outro papel. Seja acalmando ou tranquilizando, impulsionando sonhos ou inspirando amores, a música também pode contribuir para o convívio harmonioso. Com potencial de questionar normas e padrões, nos fazem repensar as estruturas sociais, possuem um papel social como toda forma de arte. As letras de músicas podem fazer com que os sujeitos se rebelem contra as injustiças e desigualdades (Pimentel, Gunther, & Silva, 2017). Também podem ser utilizadas para fins terapêuticos, em benefício a grupos que foram vítimas de alguma forma de violência (e.g., crianças abusadas ou negligenciadas, assim como mulheres e idosos) (Kang, 2017).

Na pesquisa de Fried e Berkowitz (1979), estudantes universitários avaliaram que a música calma influenciou mais comportamentos pró-sociais do que as condições de música aversiva ou na condição sem música. O experimento comandado por Jacob, Guéguen e Boulbry (2010) analisou as gorjetas recebidas pelos garçons (medida de ajuda) de acordo com

a música que tocava no restaurante. Os resultados comprovaram que os sujeitos que ouviram músicas com conteúdo pró-social levou a mais comportamentos de ajuda por meio da doação de gorjetas (condição música pró-social).

Portanto, observamos que as letras de músicas sejam elas nocivas ou pró-sociais tem efeitos nas respostas emocionais e comportamentais dos sujeitos. Contudo, tais respostas originam-se a partir da atribuição de significados que os sujeitos conferem a respeito de uma determinada música. Consequentemente, esses processos não estão necessariamente subordinados às emoções expressas por determinada música (Gabrielsson, 2001) mas derivam dos estados psicológicos, objetivos, personalidade e histórico sociocultural (Scherer & Zentner, 2001). Assim, as relações de poder e a forma como a sociedade se hierarquiza também influenciam nessas respostas.

A Misoginia na mídia

Na história do desenvolvimento das sociedades a mídia desempenhou papel fundamental na influência da opinião popular e na construção da imagem dos grupos sociais. Contudo, o monopólio dos meios de comunicação impede as iniciativas que se propõem a democratizar as mídias, sendo entrave ao passo fundamental para o avanço na igualdade de gênero. O poder de alcance das mídias poderia ser utilizado para fomentar o debate de questões complexas que afetam nossa sociedade e atingem minorias historicamente excluídas (Lemos, 2017).

O papel da mídia no combate a essa problemática está na democratização dos meios de comunicação, desenvolvendo estratégias que questionem as representações audiovisuais das mulheres pautadas em desigualdades, misoginia, machismo e sexismo (Lemos, 2017). Contudo, no atual cenário neoliberal o mercado do entretenimento institui as formas pelas quais mulheres e homens são retratados. Isto é, quais simbolismos serão associados aos mesmos ou qual mensagem será repassada ao público. Temas como violência sexual ou

depreciação das mulheres continuam sendo pontos de venda valorizados para as corporações: a misoginia é tratada como lazer, a violência contra as mulheres se torna recreação (Hill & Savigny, 2019).

No intuito de melhor compreensão sobre esse cenário é importante conhecer as diferenças entre os fenômenos, que por vezes são tratados como sinônimos, tornando difícil sua identificação e combate. O sexismo trata-se do preconceito fundamentado no sexo ou gênero de uma pessoa e pode afetar qualquer sujeito. No entanto, tem as mulheres e meninas como principal alvo (Zampieri, 2004). Já o machismo é identificado como a cultura de superioridade desempenhado pelos homens, reflete a maneira de pensar e agir, pois subjuga o sexo feminino através da crença de que os homens são superiores as mulheres. Destaca-se que as mulheres mais afetadas são as que estão sob o domínio masculino, subordinadas pelo vínculo funcional, parental ou matrimonial (Cortes, Silveira, Dickel, & Neubauer, 2015).

A misoginia de acordo com o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2004) é o ódio, desprezo e preconceito contra mulheres e meninas, se manifestando nas sociedades por meio das diversas formas de violências. Compreende o ódio por uma razão específica: a de que essas mulheres não se comportam segundo as crenças que o misógino tem sobre o papel que as mesmas devem desempenhar. A misoginia é uma atitude cultural, sendo a estrutura fundamental na opressão desse grupo em sociedades pautadas no patriarcado. Se manifesta de diversas formas, incluindo piadas com conteúdo depreciativos, pornografia e violência psicológica, moral e física (Johnson, 2010).

A misoginia se desenvolve através do pensamento de que a mulher ao não desempenhar determinado papel merece ser castigada, agredida, difamada, assediada ou até mesmo estuprada (Escobar, 2019). Essas atitudes frente às mulheres são alicerçadas em práticas de dominação e acontecem baseadas principalmente na falácia da supremacia biológica masculina. Persiste a errônea ideia de que o feminino seria incompleto por isso

estaria à serventia do corpo masculino dominante, favorecendo a ocorrência de práticas violentas frente ao feminino ao longo do desenvolvimento das sociedades (Weeks, 2001).

Todos os fenômenos citados são acompanhados de exemplos que podem ser vistos com frequência em nosso dia-a-dia. As mulheres são retratadas de forma objetificada na grande maioria das propagandas televisivas, o foco recai sempre sobre seu corpo, as propagandas de cerveja são o melhor exemplo. Ao passo que a mídia tenta criar uma falsa aparência de igualdade entre os sexos, ratifica o machismo promovendo violências de gênero (Chaves, 2010). A forma como as mulheres são retratadas nas mídias é apenas um espelho da própria realidade enfrentada no país. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2019) nos últimos 12 meses temos o expressivo índice de 1,6 milhão de mulheres espancadas ou que sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Um novo ambiente em que as mulheres têm sido vítimas de assédio é no transporte público com quase 4 milhões de ocorrências.

Os casos de violência dentro da própria casa alcançam o índice de 42%. No entanto, mesmo após sofrer uma violência mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda. Quando fazemos o recorte racial a situação é ainda pior. Nesse cenário, as mulheres pretas (28,4%) e pardas (27,5) constituem a parcela mais atingida em comparação com mulheres brancas (24,7) tanto com as jovens quanto as mais velhas. São registrados no Brasil 536 casos de violência por hora, próximo a proporção de mulheres que dizem ter sido vítima de algum tipo de violência sexual (FBSP, 2019).

Diante desse cenário toda e qualquer visibilidade de mulheres em posições diferentes das quais estamos acostumados acabam por questionar o padrão heteronormativo, colocando em xeque a suposta exclusividade, perfeição e completude do ideário masculino sexista. Assim, ao mínimo sinal de mudança e com o objetivo de manter o status quo, o ordenamento

masculino dominante investe em práticas de dominação frente a esse grupo, como estratégia perversa (Woulfe & Goodman, 2018). Portanto, quando as mulheres são invisibilizadas socialmente por práticas de dominação e violência torna-se urgente como essas desigualdades se mantem, quais fatores contribuem para essa realidade, sejam eles sociais, culturais ou econômicos. Pois as relações de poder procedentes da desigualdade entre gêneros impactam negativamente na saúde das coletividades nos espaços (Göçmen & Yilmaz, 2016; Lloren & Parini, 2017).

Músicas com letras misóginas

Com o intuito de investigar, compreender e intervir na realidade das mulheres em nossa sociedade, as músicas com letras misóginas também têm sido incluídas no foco de pesquisas a fim de compreender seus efeitos nos indivíduos. Para isso, Hyden e McCandless (1983) analisaram letras de música de 1972 a 1982. Os resultados mostraram que os homens eram retratados como competentes e produtivos, enquanto as mulheres eram retratadas como sedutoras. Na mesma direção, as análises de conteúdo da música pop ao longo das décadas de 1980 e 1990, mostraram que havia um alto grau de sexismo e misoginia por toda parte, onde a mensagem de dominação masculina e degradação da mulher eram transmitidas sem a preocupação com seus efeitos nos sujeitos (Gow, 1996; Sommers-Flanagan, Sommers-Flanagan, & Davis, 1993). Ao analisar o conteúdo de letras e vídeos de música pop, Krause e North (2019) observaram a prevalência de aspectos misóginos nas mesmas, porém, por utilizarem amostras pequenas não foi possível extrair observações mais conclusivas.

Corroborando os achados das análises de letras, destacam-se os resultados da pesquisa de Fischer e Greitemeyer (2006), com amostra composta por homens divididos em condição experimental e neutra, revelando que os participantes que ouviram a música misógina apresentaram atitudes mais agressivas frente ao alvo feminino. Já os resultados encontrados por Wester, Crown, Quatman e Heesacker (1997) em estudo experimental com estudantes

universitários, mostraram homens expostos a música rap com conteúdo misógino foram significativamente mais propensos a escolher dentre três cenários o mais violento. O experimento de Hall, Hill e West (2012) revelou que homens expostos a música com letra misógina atribuíram ao alvo feminino períodos mais longos na água gelada (medida de agressividade). A partir dos resultados observados, os autores do estudo levantaram o seguinte questionamento: "O que se pode dizer sobre esse efeito na vida real, onde os homens provavelmente ouvem centenas de músicas misóginas durante a vida?"

Dessa forma, cabe destacar que a música, propaganda, vídeos, e filmes carregam consigo mensagens capazes de influenciar manifestações culturais, capaz de reafirmar determinada cultura de violência contra mulher, já tão naturalizada no seio social. Embora, agindo sozinha a música não cause violência ela opera reforçando uma imagem de submissão e inferioridade feminina (Aragão & Souza, 2018). Isto é, a simbologia, os conteúdos morais e sociais são por meio das letras mais facilmente processadas, memorizadas e acessadas. Assim, são as letras que carregam as informações com as quais os indivíduos irão se identificar, além de encontrar motivação (Roberts, Christenson, & Gentile, 2003).

Portanto, a misoginia difundida pelo meio musical que por vezes passa despercebida, são armadilhas que nos fazem aceitar essa apologia sem nenhum tipo de questionamento. Quando tida como uma simples reprodução de costumes, não levamos em consideração o fato de que na verdade as mensagens misóginas compartilhadas pelas músicas fortalecem ainda a dinâmica desigual da nossa sociedade, onde os direitos das mulheres são limitados. O ódio que motiva maus tratos e ridicularização decorre do prazer com o sofrimento e a humilhação feminina, seja a partir do ato efetivo ou por meio da observação. Essas atitudes estão banalmente difundidas na cultura da massa social, inclusive para adolescentes com personalidade em formação (Aragão & Souza, 2018).

Modelo Geral da Agressão

Proposto por Anderson e Bushman (2002) o GAM (General Aggression Model) se baseia em várias teorias para o entendimento do fenômeno da agressão humana, como por exemplo: Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1965; Bandura, Ross & Ross, 1961, 1963, Bandura, 1994); Teoria da Transferência da Excitação (Zillmann, 1988, 1971) e a Teoria do Script (Huesmann(1986). Essas teorias incluem vertentes dos fatores sociais, cognitivos, de desenvolvimento e biológicos (Anderson & Carnagey, 2004; Anderson & Huesmann, 2003; DeWall, Anderson, & Bushman, 2011). Tendo forte influência advinda da estrutura cognitivista da década de 1970, o GAM pode ser classificado como modelo teórico ao descrever efeitos de curto e longo prazo da exposição à mídia violenta. Sua principal abordagem é que a agressão ou comportamento agressivo está fundamentado nos scripts e assimilações captadas por meio da aprendizagem social (Anderson & Bushman, 2002; Anderson, Deuser, & DeNeve, 1995; Lindsay & Anderson, 2000).

Nesse modelo a agressão humana é influenciada por três formas de conhecimento que se desenvolvem por experiências individuais, que por sua vez, são capazes de influenciar padrões básicos visuais à atitudes comportamentais de maior complexidade: 1) esquemas perceptivos que abarcam de simplórios à complexos fenômenos; 2) esquemas pessoais que são baseados nas crenças à pessoa ou um grupo; e 3) os scripts comportamentais que são os comportamentos mais adequados para cada momento (Anderson & Bushman, 2002).

Apresentado as diferenças entre fatores e processos de risco distais de longo prazo que são relativamente estáveis, contra fatores e processos de risco proximais de curto prazo que são mais temporários. Além disso, mostra ainda como esses dois sistemas principais se influenciam reciprocamente, por meio de uma ligação entre esses componentes denominada “resposta do ambiente social” (Mariano, 2020). A visão geral do modelo é apresentada na Figura 1, onde para efeitos da presente dissertação, a variável situacional consistirá na

exposição a letras de músicas misóginas e o aspecto cognitivo (estado interno) será interpretado como as atitudes frente à mulher.

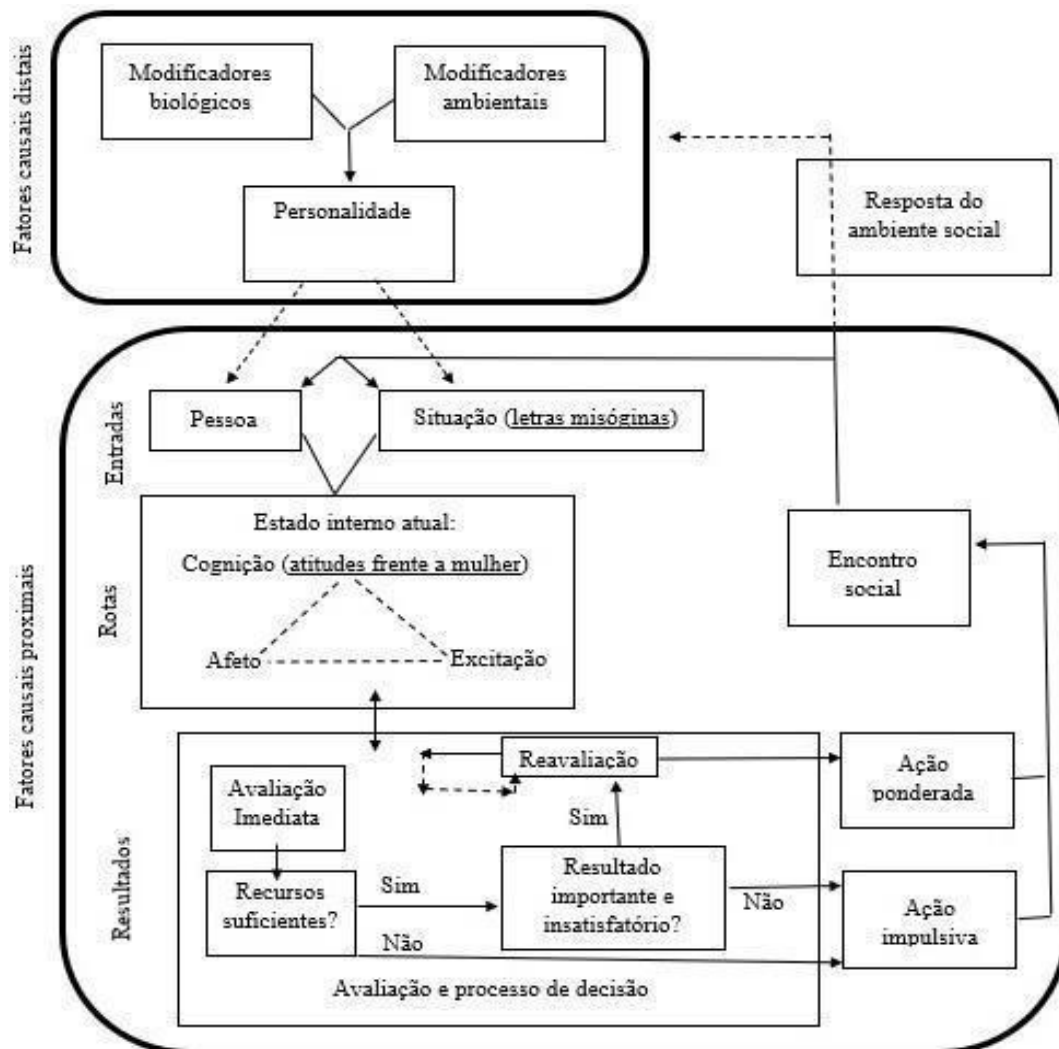


Figura 1. Visão geral do Modelo Geral da Agressão (adaptado de Allen & Anderson, 2017).

Podemos observar a existência de fatores distais que são geralmente mais estáveis e importantes para entender a estrutura de personalidade de um indivíduo. Abarca esse componente os modificadores capazes de influenciar essa estrutura como um todo. São eles; os modificadores ambientais que correspondem aos atores causais (e.g., cultura, família, amigos) e os modificadores biológicos (e.g., déficits da impulsividade, transtorno do déficit de atenção e da hiperatividade, influência hormonal). Os fatores biológicos e ambientais influenciam a

personalidade alterando a forma como os indivíduos enxergam as situações e se portam frente às mesmas. As alterações causadas podem levar a mudanças estáveis na propensão a agir agressivamente (Allen, Anderson, & Bushman, 2018; Anderson & Bushman, 2018).

As interações sociais ou individuais podem ser consideradas um episódio. Um episódio é influenciado tanto por variáveis pessoais quanto situacionais (as entradas dos fatores causais proximais). As variáveis pessoais incluem as características de personalidade de uma pessoa (e.g., *scripts*), já as situacionais incluem características específicas da situação atual. As variáveis pessoais e situacionais se combinam para afetar o estado interno atual do indivíduo (as rotas dos fatores causais proximais) (Anderson & Bushman, 2018; Gentile & Stone, 2005). O estado interno, se constitui pelo menos em três caminhos: o *cognitivo* que processa as informações através dos esquemas disponíveis; o estado *afetivo* que é responsável por filtrar as informações; e o estado de *excitação*. Logo, a respeito da agressão proveniente das mídias, o modelo propõe que tal comportamento advenha de variáveis que ativam cognições ligadas à agressão, isso induz a um estado afetivo relacionado à raiva por meio do incrementada excitação (DeWall, Anderson, & Bushman, 2011).

O sujeito possui a possibilidade de decisão a respeito sobre a maneira que irá responder e reagir, gerando algum resultado após a avaliação (os resultados dos fatores causais proximais). Assim, os resultados influem no próximo episódio, funcionando como uma retroalimentação que afeta tanto as variáveis situacionais como o estado interno do indivíduo (Anderson & Bushman, 2018; Gentile & Stone, 2005). Se o produto da avaliação for reforçado ou não, a depender do ambiente social, é o que determinará se a resposta comportamental irá ser descartada ou reutilizada no futuro. Contudo, ainda se sucedem processos de decisão que medeiam as fases iniciais de um episódio e a resposta comportamental decorrente do mesmo. De início, ocorre a avaliação imediata da situação que pode ser considerada como ameaçadora, o que justificaria a agressão. A consequência da

avaliação pode ser um comportamento automático ou impulsivo ou a reavaliação. Se a mesma for interpretada pelo sujeito como insatisfatória (e.g., o indivíduo analisa outras alternativas da situação e opções comportamentais alternativas) e se o sujeito dispor de tempo e recursos cognitivos suficientes ocorrerá a reavaliação (Allen, Anderson, & Bushman, 2018; Barlett & Anderson, 2011). Deste modo, se a avaliação da situação for tida como satisfatória ou se não há tempo nem recursos suficientes, o processo se encerra e o sujeito acaba por se comportar tomando como referência a última avaliação concluída, isso completa um ciclo. Na maioria dos indivíduos, em circunstâncias normais a ação ponderada tende a ser menos agressiva do que a ação impulsiva. Contudo, em determinadas situações as circunstâncias do ambiente ou diferenças individuais acarretam ações mais agressivas do que teria ocorrido sem a reavaliação (Allen & Anderson, 2017; Bushman, Bonacci, Pedersen, Vasquez, & Miller, 2005; Bushman & Gibson, 2011).

Capítulo 2:

Estudo 1. Revisão bibliográfica sobre os estudos com letras de músicas

Neste primeiro estudo objetivamos sistematizar, analisar e discutir a produção científica sobre estudos realizados com letras de música, através de um levantamento sobre a literatura. Para tanto, foram abrangidas tanto as produções nacionais quanto as internacionais, delimitadas em um espaço de tempo.

Método

Tipo de estudo

Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica acerca dos estudos sobre letras de músicas. O levantamento bibliográfico auxilia a identificar, coletar e analisar as principais contribuições e/ou publicações sobre um determinado tema. Revisões bibliográficas também são imprescindíveis para a elaboração de qualquer projeto científico, pois registram e organizam o estado da arte referentes a um dado fenômeno (Casarin et al., 2020). Dessa forma, buscamos alcançar uma visão ampla do que já foi e do que está sendo produzido a respeito do tema da pesquisa, com o intuito de detalhar, apontar, examinar e interpretar os achados de pesquisas prévias, além da possibilidade de inovação, com temáticas que não foram ou ainda são pouco abordadas (Pádua, 2004; Rodrigues & Ziegelmann, 2010).

Bases de Dados e Estratégias de Busca

As bases de dados utilizadas no presente estudo foram: *PsycNet*, *Pepsic* e *SciELO*. A estratégia de busca aplicada nessas plataformas foi baseada no tema principal do estudo, letras de músicas. A partir disso, empregamos o termo de busca “letras de músicas” de acordo com a base de dados.

Crítérios de Inclusão e Exclusão

Os estudos incluídos atenderam aos seguintes critérios: publicados nos últimos dez anos; pesquisas no idioma português e inglês; artigos empíricos e estar vinculado a psicologia.

Já os critérios de exclusão foram: artigos de revisões sistemáticas, como também, dissertações, teses ou capítulos de livros, análise de letras não guarda nenhuma relação com a psicologia.

Coleta e Qualidade dos Dados

Após a busca em cada um dos bancos de dados, registramos a quantidade de artigos totais encontrados com aqueles termos, bem como o número de estudos de fato selecionados para uma análise mais aprofundada. A qualidade dos textos que restaram foi analisada por juízes independentes. Ademais, quando houve discordância acerca da permanência ou exclusão de um estudo, um pesquisador avaliou a adequação daquela pesquisa para os objetivos do estudo.

Análise de dados

A análise dos artigos incluídos neste levantamento levou em consideração a área relacionada ao tipo de estudo, os objetivos e resultados. A partir da seleção final, analisamos os artigos por meio do *software* IRAMUTEQ, que é tido como recurso para análise e processamento dos dados, possibilitando que resultados sejam explorados e associados (Camargo & Justo, 2013).

Resultados

Dos 44 estudos identificados através do termo de busca, 12 se adequaram aos critérios de inclusão. Os artigos selecionados foram majoritariamente do ano de 2016 e 2011 (25%), como pode ser visto na Tabela 1 e foram derivados de um total de sete revistas, a maioria no cenário internacional, sendo elas: Revista Psicologia: Ciência e Profissão; Psicologia em Revista; Journal of Media Psychology; Psychology of Aesthetics, Creativity and the Arts; Psychomusicology: Music, Mind & Brain; Psychology, Public Policy and Law; e Psychology of Popular Media Culture.

Tabela 1. *Caracterização dos estudos selecionados*

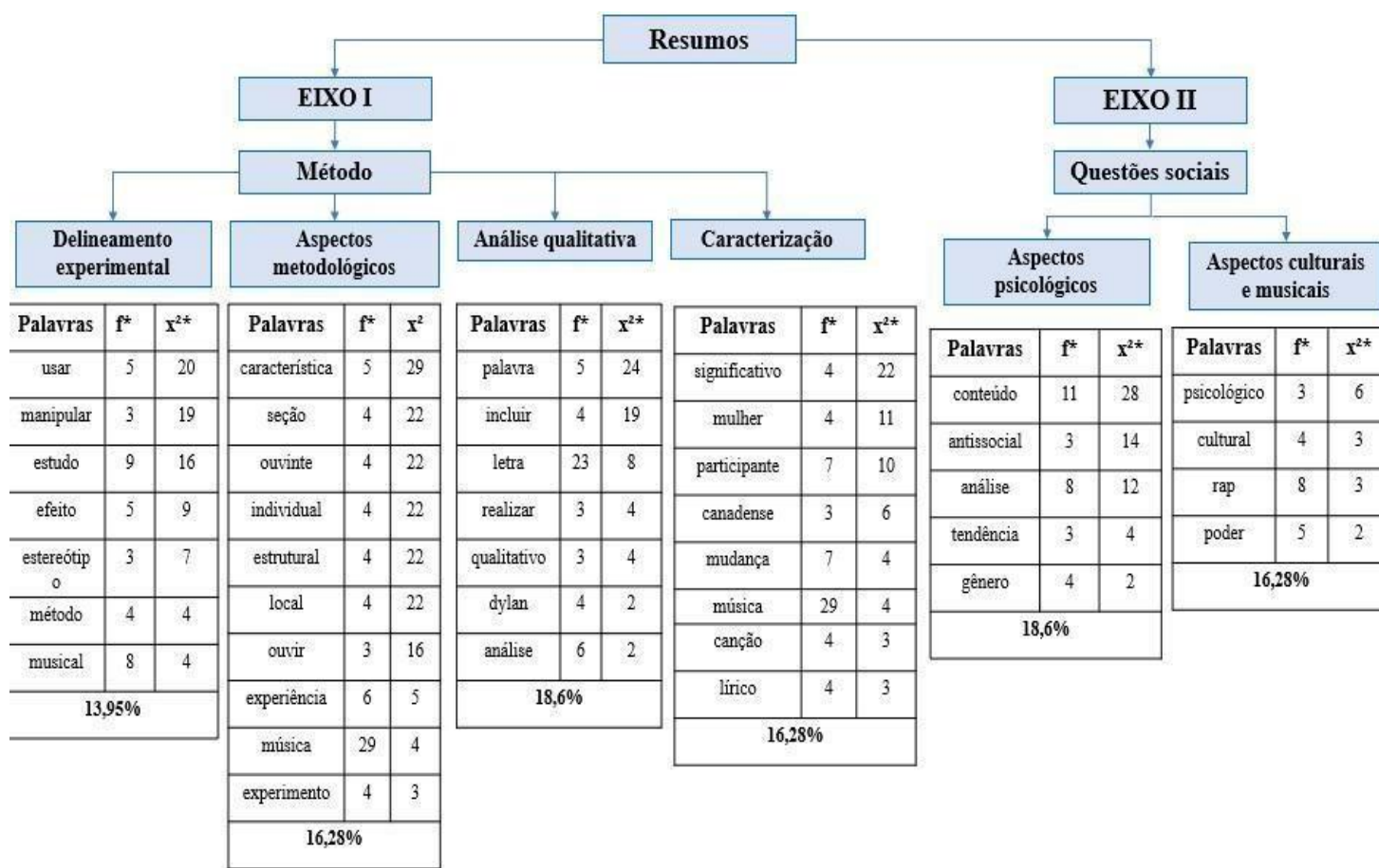
Revista	Ano	País	Método	Objetivo
Journal of Media Psychology	2010	EUA	Quantitativo	Os efeitos da música com conteúdo sexual explícito nas atitudes dos estudantes de graduação em relação ao sexo pré-matrimonial, percepção da atividade sexual dos pares e atitudes em relação às mulheres.
Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts	2011	Canadá	Quantitativo	Testar se a música pode produzir mudanças significativas na experiência de cada um, através dos traços de personalidade, sob condições de laboratório.
Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts	2011	EUA	Quantitativo	Testar se um produto cultural – determinado conteúdo lírico- usado em letras de canções populares têm efeitos em traços individualistas.
Psychomusicology: Music, Mind & Brain	2011	Canadá /Japão	Quantitativo	Observar a socialização e as diferenças na educação precoce de duas diferentes culturas através da criação de uma canção feliz ou triste.
Psychomusicology: Music, Mind, and Brain	2013	Reino Unido	Quantitativo	Demonstrar a influência das características estruturais e locais na exposição à música popular contemporânea.
Psychomusicology: Music, Mind, and Brain	2015	Reino Unido	Quantitativo	Observar e entender a prevalência e a natureza dos episódios musicais imaginados por estudantes através de um experimento musical.
Psicologia: Ciência e Profissão	2015	Brasil	Qualitativo	Objetiva refletir sobre a tendência antissocial no adolescente/jovem, por meio da análise do conteúdo descrito nas letras de músicas de <i>rap</i> brasileiro, as quais em geral surgem carregadas de revolta, inconformismo, denúncias sociais e esperança.
Psychology, Public Policy, and Law	2016	EUA	Quantitativo	Examinar o impacto de estereótipos específicos de gênero na avaliação de letra de canções violentas, manipulando o gênero musical (rap vs. country).
Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts	2016	Canadá	Qualitativo	Analisar o conteúdo da letra das canções de Bob Dylan em seus 29 álbuns originais de estúdio, selecionando apenas canções escritas por ele, para determinar se e como eles evoluíram ao longo de 50 anos de sua carreira.

Journal of Media Psychology	2016	EUA	Quantitativo	Avaliar os efeitos do conteúdo semântico e do tempo de exposição das letras de músicas sobre a cognição, afeto e arousal.
Psicologia em Revista	2017	Brasil	Quantitativo	O objetivo foi verificar o efeito de letra de música pró-social, considerando o papel moderador de variáveis pessoais e mediador dos afetos com base no modelo geral da aprendizagem.
Psychology of Popular Media Culture	2019	Austrália	Qualitativo	Analisar o conteúdo de músicas pop que estiveram no topo semanal no Reino Unido entre os anos 1960–2015.

Posteriormente, com o objetivo de analisar o corpus dos resumos sobre os estudos de letras de músicas, realizamos a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), sobre 12 resumos dos artigos selecionados. Essa análise busca extrair classes de segmentos de texto (ST) de modo a agrupar os que apresentam vocábulos semelhantes entre si e diferentes das ST das outras classes. Através desse tipo de análise, os ST são categorizados a partir de seus vocábulos e o conjunto de termos é particionado conforme a frequência das palavras. Dessa forma, o procedimento busca obter classes formadas por palavras que são significativamente associadas com determinados clusters/eixos (Salviati, 2017). Assim, após a análise dos resumos que constituíram o *corpus*, foi possível obter aproveitamento de 86%. Por fim, o resultado consistiu em seis classes semânticas, difundidas sob dois eixos temáticos (Figura 2).

Precisamente, os resumos estão ligados a aspectos concernentes ao método (eixo I) e a questões sociais (eixo II), constituindo assim os dois grandes eixos de análise. Em cada um dos eixos encontram-se organizadas categorias secundárias: no eixo I, encontram-se as categorias Delineamento experimental, Aspectos metodológicos, Análise qualitativa e Caracterização; já no eixo II, vinculam-se Aspectos psicológicos e Aspectos culturais e musicais. Essas seis categorias foram formadas pelas palavras mais fortemente associadas ao tema central a qual estão vinculadas, sendo essa associação analisada pelo valor do qui-

quadrado (χ^2), de modo que quanto maior o valor do qui-quadrado, mais forte era a contribuição do vocábulo na formação dos sentidos de cada classe e eixo.



Nota: *f: frequência; *x²: qui-quadrado

Figura 2. Dendrograma CHD do corpus

Discussão

O estudo teve como principal objetivo adquirir a compreensão, por meio de um levantamento bibliográfico, acerca da produção de trabalhos sobre letras de músicas.

Assim, remetendo-se ao cumprimento do objetivo proposto, o presente estudo mostra que dentre os artigos selecionados há um predomínio de pesquisas no contexto internacional, apontado na Tabela 1, demonstrando que internacionalmente há um grande interesse pela temática. Isso se deve aos trabalhos pioneiros que serviram de base para uma série de pesquisas posteriores, como o estudo de Anderson, Carnagey e Eubanks (2003), abordando

conteúdo violento e como as letras haviam aumentado o alcance a pensamentos agressivos, como também provocavam sentimentos agressivos.

Ainda, observamos que as pesquisas são integradas com a psicologia buscando em sua maioria investigar quais efeitos as letras de músicas causam nos indivíduos, sejam elas nocivas ou pró-sociais, dessa forma, buscam a compreensão dos impactos em respostas emocionais e comportamentais dos sujeitos. Assim, quando se tem uma determinada resposta à exposição de um determinado tipo de mídia, esta é capaz de alterar o estado de humor dos indivíduos. Contudo, tanto a percepção emocional quanto a resposta emocional decorrem de uma interação entre fatores musicais, pessoais e situacionais (Gabrielsson, 2001).

Através dos resultados da CHD, observamos que o *corpus* se organizou em um grande eixo referindo-se ao “método” de pesquisa, sendo a abordagem quantitativa mais utilizada. Os estudos buscavam investigar os efeitos negativos da exposição a mídias violentas. Assim como a pesquisa de Fegers (2016) em que as letras violentas aumentaram as cognições agressivas (teste de conclusão de palavras) e o afeto agressivo (estado de raiva) em comparação com as letras pró-sociais. No entanto, também há trabalhos que trazem resultados com efeitos inversos. Pimentel e Gunther (2009); Jacob, Guéguen e Boulbry (2010) e Greitemeyer (2011), pesquisam os efeitos pró-sociais das letras de músicas, as quais foram consideradas capazes de influenciar comportamentos de prossociabilidade em seus ouvintes.

Observamos que o segundo grande eixo denominado “questões sociais” abarcou a relação da música com os fenômenos socioculturais no *corpus* analisado. Essa complexa relação pode ser observada na pesquisa de Timmerman et al. (2008), que aborda a influência da música em comportamentos antissociais, onde evidências mostraram que a exposição às músicas influencia o comportamento antissocial. Já Fischer e Greitemeyer (2006) mostraram em seu estudo que os participantes do sexo masculino que ouviram letras de músicas misóginas foram mais agressivos com uma figura feminina do que com participantes do sexo

masculino que ouviram letras de músicas neutras. Por fim, os aspectos culturais e musicais que se expressam na classe, através do gênero musical, é observado por meio da palavra “*rap*”. O gênero musical foi objeto de estudo nos trabalhos de Knobloch-Westerwick Musto e Shaw (2008), que por meio de um levantamento de músicas *rap* populares dos anos de 1993 a 2003, apontaram que 80% das letras analisadas continham em alguma medida mensagens que faziam alusão a comportamentos de risco ou comportamento hostil.

No cenário brasileiro, Pimentel e Günther (2009) ao investigarem a prossociabilidade, apontaram que comportamentos pró-sociais eram plausíveis de serem influenciados por letras de músicas contendo conteúdo pró-sociais dos estilos musicais, *rap* e *heavy metal*. Desta forma, é importante citar que os estudos devem ser interpretados sem pré-concepções, sem associações pré-concebidas entre o *rap* e efeitos negativos, como por exemplo, na pesquisa de Coelho e Coelho (2015), onde o *rap* foi associado a indivíduos que vivem no limite dos comportamentos aceitáveis, são associados à malandragem, à transgressão.

Apesar desse estudo ter cumprido com os objetivos previstos, o mesmo não está isento de limitações. A primeira delas trata-se dos critérios aplicados, o que limita os resultados da procura, uma solução seria a ampliação para estudos futuros, pois traria a possibilidade de analisar publicações em outras línguas e outras datas de publicações, além de abarcar artigos não empíricos. Outra limitação é o recorte de artigos apenas relacionados a psicologia, o que tira a possibilidade - embora não fosse o objetivo do estudo - de analisar se estudos sobre as letras de músicas estão associados com outras áreas da ciência, como a neurociência, pedagogia, a fim de uma compreensão que abarcasse de maneira mais geral o indivíduo.

Assim, o estudo proporciona uma visão geral e sistematizada das produções sobre letras de músicas, pois traz um levantamento acerca dos principais construtos relacionados com a temática. Estes achados podem fundamentar novos estudos, despertando novas possibilidades seja em um contexto mais prático ou teórico sobre os efeitos das letras de

música nas atitudes e nos comportamentos das pessoas. Portanto, o estudo traz contribuições para a literatura brasileira acerca desse tema, auxiliando a compreensão da magnitude dos efeitos das letras em determinados comportamentos.

Capítulo 3:

Estudo 2.1 Adaptação e evidências iniciais de validade e precisão da Escala de Atitudes frente à Mulher no contexto brasileiro

Nosso objetivo nesse estudo foi adaptar e validar a medida *Attitudes Toward Woman Scale* (Spence & Helmrich 1972), originalmente proposta para o contexto estadunidense é compostapor 55 itens ($\alpha = .92$) (Daugherty & Dambrot, 1986). Neste estudo, especificamente, será utilizada a sua versão curta com 15 itens, a qual demonstrou ter confiabilidade favorável, mantendo boas propriedades psicométricas ao longo de três estudos ($\alpha = .85$, $\alpha = .81$, $\alpha = .84$) (Spence & Helmreich, 1978). No estudo de Whatley (2008) foram observados valores aceitáveis de consistência interna, com alfa de 0,81. Delevi e Bugay (2013), por sua vez, encontraram valores de alfa igual a 0,80. Traduzimos a escala original como *Escala de Atitudes frente à Mulher* (AFM). Realizamos sua validação em dois momentos, no primeiro objetivamos traduzir e adaptar para a cultura brasileira os itens, a partir do método Delphi. Em seguida, foi explorada a estrutura fatorial dos itens a partir da Teoria Clássica dos Testes (TCT).

Método

Participantes

O estudo contou com a participação de 224 indivíduos provenientes da população geral, não probabilística e por conveniência. A amostra foi composta em sua maioria por sujeitos do sexo feminino (82%), solteiros (38,4%) e heterossexuais (79,5%). Os participantes possuíam ensino superior incompleto (27,2%), eram oriundos de classe média (69,2%) e se autodeclararam religiosos (28,1%). Por fim, a maior parte da amostra residia no Estado do Acre (43,3%) e possuíam idades entre 18 a 62 anos ($M = 32,46$; $DP = 10,87$; $EP: 0,72$).

Instrumentos

O questionário do presente estudo foi composto pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a versão adaptada da Attitudes Toward Women Scale (AWS, Spence &

Helmreich, 1978) e o Questionário Sociodemográfico.

O TCLE objetivou cumprir com as normas éticas para realização da pesquisa e era composto por informações acerca da pesquisa, além da identificação dos pesquisadores e da instituição vinculada. O participante do estudo, em concordância e livre colaboração, deveria escolher a opção que dava consentimento para fazer parte da pesquisa.

Attitudes Toward Women Scale (AWS). Desenvolvida por Spence e Helmreich (1978), sua versão curta com 15 itens que descrevem atitudes frente aos diferentes papéis que a mulher pode exercer na sociedade (e.g., As mulheres deveriam se preocupar menos com seus direitos e mais em se tornar boas esposas e mães; Palavrões e obscenidade são mais repulsivos no discurso da mulher do que no do homem). Os mesmos estavam dispostos em uma escala Likert, variando entre 1 = Discordo totalmente e 5 = Concordo totalmente.

Questionário sociodemográfico. Com o intuito de caracterizar a amostra possuía perguntas sobre o Estado de residência, idade, sexo, estado civil, orientação sexual, escolaridade, nível socioeconômico e religiosidade.

Procedimentos

A primeira etapa consistiu em apresentar o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para emissão do parecer favorável (18776419.0.0000.5188). Os sujeitos foram informados do caráter voluntário da pesquisa, de cunho acadêmico sem fins lucrativos. Os indivíduos que aceitaram participar do estudo concordaram com o TCLE, que garante o anonimato das respostas e sigilo da identidade dos participantes, bem como o comprometimento de que a pesquisa não ofereça nenhum risco a saúde, a integridade biopsíquica, moral e espiritual, recomendados pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Os dados foram coletados de maneira on-line por meio da plataforma Google Forms em diversas redes sociais (e.g., Facebook, Instagram, e-mails). O único critério de

participação era que os sujeitos possuísem acima de 18 anos.

Processo de tradução e adaptação cultural

Inicialmente traduzimos a AFM para o português, por meio de três juízes independentes e bilíngues. Posteriormente, as três versões traduzidas foram encaminhadas a dois psicólogos para ajudar a identificar a melhor tradução para cada item. É importante ressaltar a necessidade de não apenas traduzir de forma literal os itens do questionário original, é preciso ser cuidadoso na adaptação do instrumento ao contexto social e cultural onde o mesmo será aplicado. Esse processo consiste em também considerar as particularidades locais da linguagem, com o intuito de aplicar um instrumento com maior fidedignidade (Nora, Zoboli, & Vieira, 2017).

Em sequência realizamos a validação semântica, implicando em entrevistas cognitivas, usando o método Delphi em duas rodadas. Esse método consiste em que os entrevistados verbalizem o processo mental e, respondessem se os itens estão compreensíveis, se estavam redigidos de maneira clara (Boateng, Neilands, Frongillo, Melgar-Quinonez, & Young, 2018). Para isso, contamos com a participação de 10 estudantes universitários do primeiro e décimo período do curso de graduação em psicologia, não-probabilísticos.

Constatamos que alguns itens precisavam de modificações quanto à clareza do item. Atendemos aos critérios solicitados e os itens foram novamente modificados. Na segunda rodada, conduzimos a outra entrevista com os mesmos estudantes, com a finalidade de obter a versão final dos itens. Nessa etapa, constatamos que os itens estavam claros para serem aplicados à população-alvo. Em sequência realizamos a validação semântica de forma online, por 10 respondentes, não-probabilísticos que tivessem disponibilidade para responder. Constatando-se algumas modificações demandadas pelos participantes estudantes universitários do primeiro e décimo período do curso de graduação em psicologia.

Análise de dados

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizado o IBM SPSS Statistics versão 21. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais, como média, frequência das respostas, análise dos componentes principais (CP) e alfa de Cronbach e por meio da extensão Ômega de McDonald (Hayes & Coutts, 2020). Utilizamos a técnica de rotação Varimax que diferencia itens mais claramente, facilitando a interpretação e minimizando o número de variáveis “extremas” em um fator. Assim como a análise dos Componentes Principais e Fatoração do Eixo Principal. Dessa forma, o KMO deve ser acima de 0,50, de preferência a partir de 0,70 e o critério de Bartlett deve ser significativo. Por fim, a consistência interna deve apresentar índice a partir de 0,70 para ser considerada satisfatória (Hair et al., 2009; Pasquali, 2010).

Resultados

Na análise fatorial exploratória (AFE) foram estimados 4 componentes que obtiveram *Eigenvalue* maior que 1. No entanto, tanto o gráfico de sedimentação (*ScreePlot*) mostra a presença de um grande fator, assim, a análise foi repetida forçando a solução de fator único. A extração dos índices de *Kayser-Meyer-Olkin* (KMO) de 0,78, indica que a matriz de correlação é apropriada, e o teste de esfericidade de *Bartlett* [$X^2(105) = 692,9; p < 0,001$] mostra que foi significativo. Dando prosseguimento, o critério de *Cattel*, representado pelo gráfico de sedimentação (*ScreePlot*), apontou a que um fator se destaca, conforme a Figura 3 a seguir.

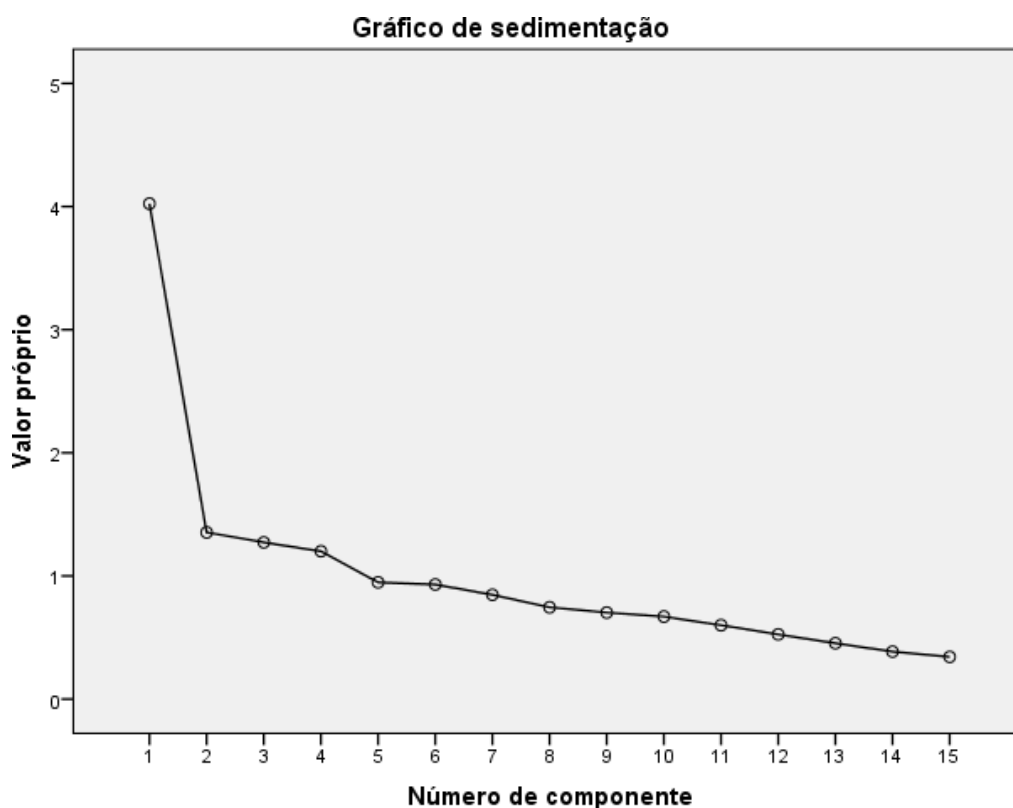


Figura 3. Gráfico de distribuição dos valores próprios e os componentes.

Com a finalidade de corroborar a estrutura unifatorial da escala, realizamos a Análise paralela (Horn, 1965) por meio de 1.000 simulações e 95% de confiança. Assim, buscamos verificar a existência dos fatores como determina a literatura, examinando as comparações através do Critério de Kaiser com a Análise Paralela.

Tabela 2. Comparação entre o Critério de Kaiser e Análise Paralela

Análise Fatorial Exploratória			Análise Paralela	
Componentes	Valor Próprio	% da Variância	Componentes	Valores Próprios
1	4,02	26,82	1	1,46
2	1,35	9,02	2	1,36
3	1,27	8,48	3	1,27
4	1,20	8,00	4	1,21

Assim, mesmo que o *eigenvalue* (valor próprio) apresentado no fator dois da AP seja $> 1,35$ decidimos fixar a escala em um fator indo de acordo com a literatura. Assim com o fator um apresentando *eigenvalue* (valor próprio) $> 1,46$, corroborando o modelo proposto pela literatura. Para aferir a consistência interna foi verificado o alfa de *Cronbach*, ao qual demonstrou a consistência interna adequada com a estrutura fatorial proposta. A escala total obteve um alfa de *Cronbach* de 0,78 e Ômega $\omega = 0,80$ considerado satisfatório (Kline, 2013; Revelle & Zinbarg, 2009). O critério de carga fatorial igual ou superior a 0,30 foi utilizado, como nenhum item apresentou carga abaixo do valor critério, não houve descartes. Os resultados da análise exploratória são apresentados abaixo. O valor próprio associado ao fator adquirido foi de 4,02 e representou 26,82% da variação nas respostas dos participantes.

Tabela 3. *Estrutura Fatorial da AFM*

Conteúdo dos Itens	Cargas Fatoriais	h^2
1. Palavrões e imoralidades são mais desagradáveis no discurso de uma mulher do que no de um homem. *	0,36	0,37
2. Os homens deveriam dividir as tarefas domésticas com as mulheres que trabalham fora.	-0,33	0,60
3. É humilhante para as mulheres que haja uma cláusula de "obediência" no casamento.	-0,55	0,38
4. Uma mulher deve ter a mesma liberdade que o homem para pedir alguém em casamento.	-0,59	0,50
5. As mulheres deveriam se preocupar menos com seus direitos e mais em se tornarem boas esposas e mães. *	0,59	0,48

6. As mulheres devem assumir o seu direito de terem as mesmas profissões que os homens.	-0,55	0,68
7. Uma mulher não deveria ir aos mesmos lugares ou ter a mesma liberdade que um homem. *	0,49	0,60
8. É ridículo para uma mulher dirigir um ônibus e para um homem costurar. *	0,57	0,65
9. A liderança intelectual da sociedade deve estar na mão do homem. *	0,54	0,34
10. Mulheres devem ter as mesmas oportunidades que os homens em relação ao aprendizado de várias profissões.	-0,32	0,44
11. As mulheres que ganham tanto quanto seus companheiros devem dividir a conta quando saem juntos.	-0,48	0,53
12. Em uma família, os meninos deveriam ser mais encorajados a ir para a universidade do que as meninas. *	0,46	0,69
13. No geral, o pai deve ter maior autoridade do que a mãe na educação dos filhos. *	0,68	0,61
14. Ter a liberdade econômica e social vale muito mais para a mulher do que aceitar o papel da “dona de casa” que foi criado pelos homens.	-0,48	0,23
15. Há muitos trabalhos que os homens devem ter preferência sobre as mulheres ao serem contratados ou promovidos. *	0,55	0,67
Número de itens	15	
Valor Próprio	4,02	
Variância Explicada (%)	26,82%	
Alfa de Cronbach (α)	0,78	
Ômega de McDonald (ω)	0,80	

*Itens inversos
 h^2 : communalidades

Discussão

A AFM forma uma estrutura unidimensional, que também foi encontrada nos estudos de Delevi e Bulgay (2013), realizada na Turquia. A escala também foi fixada em um apenas um fator, com valor próprio de 4,01 e representou 26,76% da variância nas respostas dos participantes. Já no estudo de Whatley (2003), a escala também foi considerada unidimensional após o critério de Cattell revelar a presença de um grande fator através da solução forçada em um de fator único. A variância explicada foi responsável por 24,9% da variação total com um valor próprio de 3,73. Dessa forma, podemos observar resultados similares em países diferentes. Esse processo permite que haja uma comparação transcultural com esses dados. Apoiada nos dados empíricos aqui expostos, parece claro que as atitudes frente às mulheres podem ser agrupadas em um componente (refletindo as atitudes que as pessoas têm diante das mulheres). Observa-se um índice de consistência interna satisfatório, $\alpha = 0,78$; $(\omega) = 0,80$, e a escala apresentou índices de carga fatorial variando entre -0,33 e 0,68.

Apesar desse estudo ter cumprido com os objetivos previstos, com boa adequação psicométrica, esta não está isenta de limitações. A primeira delas é que a amostra foi composta majoritariamente pelo gênero feminino. Logo, uma das soluções seria aplicar essa escala de forma presencial em ambientes que pudessem ser controlados o número de participantes mulheres e homens.

2.2 Análise Fatorial Confirmatória da Escala de Atitudes frente à Mulher

Neste estudo objetivamos confirmar a estrutura unidimensional proposta pelos autores Spence e Helmreich (1972) e verificada no Estudo 2.1. Para isso, observamos os índices de qualidade de ajuste estimando um modelo fatorial, objetivando verificar a adequação estrutural desse construto para amostras de pessoas brasileiras.

Método

Participantes

Participaram 254 pessoas da população geral, através de uma amostragem não probabilística e por conveniência. Os participantes, em sua maioria, eram residentes do Estado de São Paulo (45,66%) e possuíam idades entre 18 a 73 anos ($M = 30,2$; $DP = 10,99$; $EP = 0,69$). A amostra contou majoritariamente com indivíduos do sexo feminino (68,3%), solteiros (35,9%) e heterossexuais (71,8%). Por fim, se caracterizavam como classe média (68,7%), com ensino superior incompleto (27,5%), e se declararam religiosos (22,5%).

Calculamos a partir dos dados, a análise de potência sensível usando o Webpower (Zhang & Yuan, 2018). O tamanho de nossa amostra ($N = 254$), usando os graus de liberdade observado = 65 e é definindo uma qualidade de ajuste aceitável para os dados (com base em $RMSEA = 0,05$) dá uma potência de 91, indicando que o modelo hipotetizado é suportado pelos graus de liberdade e valor do $RMSEA$.

Instrumentos

Escala de Atitudes Frente a Mulher (AFM): idem à descrição do estudo 2.1.

Questionário sociodemográfico: a fim de caracterizar a amostra, continha informações sobre o Estado de residência, idade, sexo, estado civil, orientação sexual, escolaridade, nível socioeconômico e religiosidade

Procedimentos

Foram aplicados os mesmos procedimentos do Estudo 2.1.

Análise de dados

Para a efetivação do estudo, a análise fatorial confirmatória foi utilizada com o programa *JASP* (versão 0.13), visando alcançar o modelo mais adequado foram utilizados indicadores de adequação de ajuste ao modelo, considerando os valores absolutos,

parcimoniosos e os instrumentais (Anunciação, 2018). Fez-se a frequência das médias e desvios padrões do perfil amostral, bem como alfa de *Cronbach* e Ômega de McDonald para aferição da consistência interna. Os critérios utilizados foram: *Chi-square Ratio/Degrees of Freedom* (χ^2/df), é um índice absoluto e avalia a discrepância entre o modelo testado e os dados observados, cujos valores devem estar entre 1 e 3 (Anunciação, 2018). O *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Goodness of Fit Index* (GFI) e o *Standardized Root Mean-Square Residual* (SRMR), também são índices absolutos, avaliam a discrepância entre o modelo testado e os dados observados, são aceitáveis para o GFI valores maior que 0,90, para o RMSEA menores que 0,05, mas aceitáveis até 0,08 e para SRMR se aceitam índices menores que 0,10 são indicativos de bom ajuste (Anunciação, 2018; Kline, 2015). Os índices *Comparative Fit Index* (CFI) e o *Tucker-Lewis Index* (TLI), são índices incrementais avaliam o quanto o modelo testado é melhor que o modelo nulo, aceitam valores acima de 0,95 indicam ótimo ajuste e os superiores a 0,90 indicam ajuste adequado (Kline, 2015). No presente estudo foi utilizado o Estimador *Weighted Least Squares Mean- and Variance-adjusted* (WLSMV).

Resultados

A CFA foi realizada para fornecer informações sobre a validade do construto e a estrutura fatorial da versão da AFM. Os resultados trazem os seguintes dados para o modelo unifatorial: $\chi^2 (65) = 148,01$, $p < 0,001$; $\chi^2 / df = 2,270$; GFI = 0,92; CFI = 0,91; TLI = 0,90; RMSEA = 0,05 (IC 90%: 0,03-0,06); SRMR= 0,05. Os índices de qualidade de ajuste incrementais (e.g., CFI, GFI) indicam que esse modelo, unidimensional, explica mais que 91% do que o modelo nulo.

Todos os lambdas [λ] foram estatisticamente significativos ($p < 0,001$), com valores igual ou maior do que 0,30. Os *loadings* variaram entre 0,30 e 0,62, sendo que os itens com maiores valores (9, 13 e 15) apresentaram respectivamente $\lambda = 0,59$; $\lambda = 0,62$; $\lambda = 0,60$, continham afirmações sobre a superioridade dos homens tanto intelectual, na criação dos filhos, quanto no aspecto profissional. Todos os valores podem ser vistos na Figura 4.

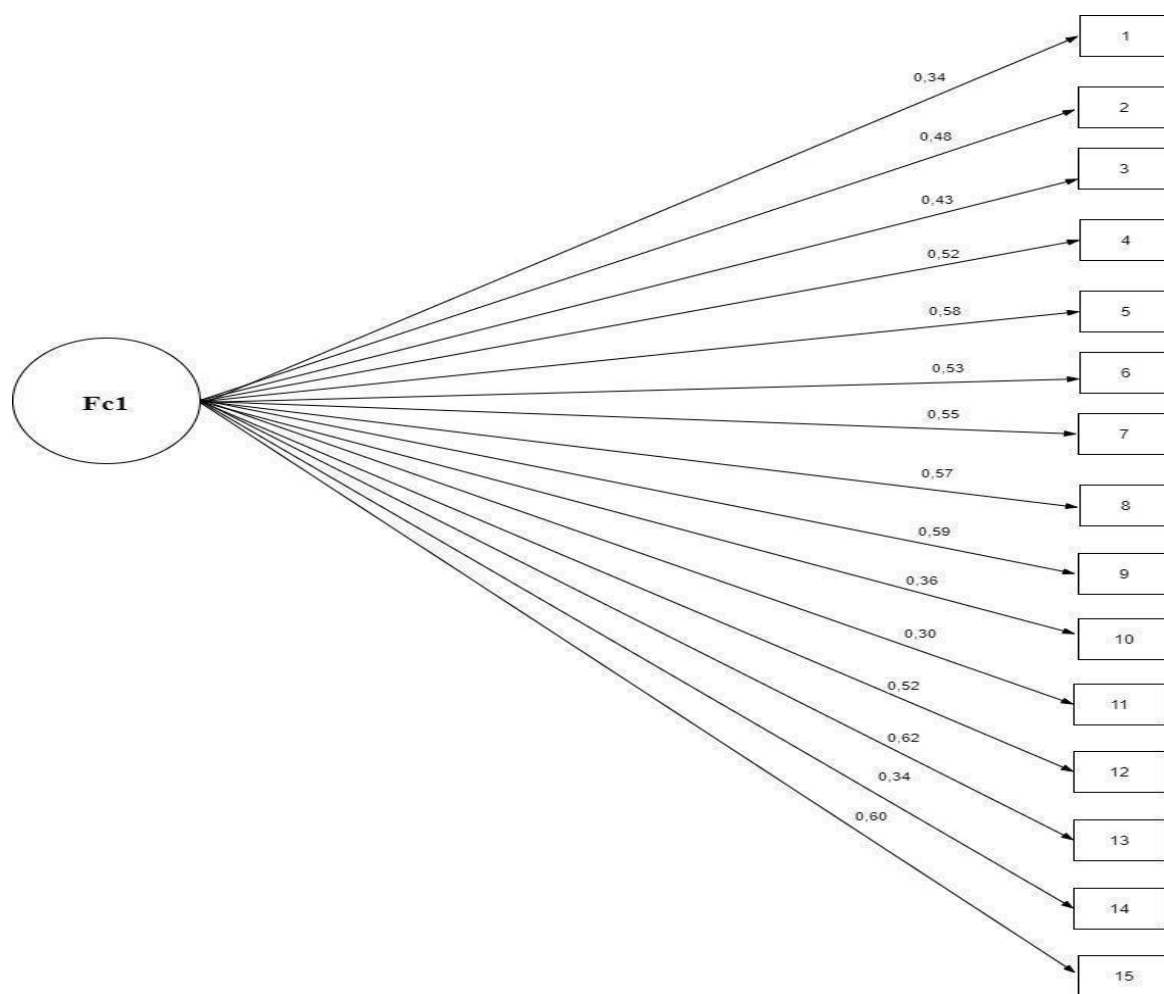


Figura 4. Modelo Estrutural da AFM.

Por fim, o coeficiente de consistência interna foi calculado por meio do alfa e Ômega encontramos respectivamente os resultados: $\alpha = 0,80$; $\omega = 0,83$. O fator geral apresentou média de 4,63 ($DP = 0,44$; $EP = 0,02$), isto nos mostra que os sujeitos se mostraram favoráveis à igualdade de direitos entre mulheres e homens.

Discussão

Os resultados da CFA mostraram que de fato, um fator geral comporta a estrutura dos itens. Os índices tanto dos valores absolutos quanto os incrementais demonstraram que o modelo hipotetizado é suportado pela estrutura unidimensional, indicando um melhor ajuste nesse modelo (Anunciação, 2018; Kline, 2015). Além disso, esse modelo mostrou que a SRMR apresenta baixa discrepância entre o modelo predito e o observado, isto é, possui menor quantidade de erro, se ajustando bem aos dados (Kline, 2015). Tanto no estudo 2.1 quanto no estudo 2.2, os itens apresentaram cargas igual ou maior que 0,30, o que colaborou para que nenhum item fosse excluído (Deville, 2017). A escala também apresentou índice de consistência interna satisfatório dado pelo α (DeVellis, 2017), como também no Ômega de McDonald (ω) (Revelle & Zinbarg, 2009). Esses resultados são similares aos encontrados nos estudos de Whatley (2008) que apontou um alfa de = 0,81 e Delevi e Bugay (2013) com alfa de = 0,80.

A presente escala também mostrou que a maioria dos respondentes são favoráveis às atitudes frente às mulheres, indicando que quanto mais igualdade de direitos mais as mulheres são favoráveis a essas atitudes. Corroborando os achados de Whatley (2008) e Delevi e Bugay (2013), onde os participantes são favoráveis ao papel e direitos sociais adquiridos pelas mulheres. Quanto a esses achados, ressalta-se que a estrutura indicada reforça a adequação psicométrica da medida. Ademais foram observados os indicadores de consistência interna (α = 0,80; ω = 0,83) superiores aos recomendados na literatura (0,70; Hair et al., 2009; Pasquali, 2010). Portanto, parece evidente que se trata de um instrumento que mede o construto de interesse de forma satisfatória.

Apesar desse estudo ter cumprido com os objetivos previstos, o estudo não está isento de limitações. Primeiramente, assim como estudo anterior a amostra foi composta majoritariamente por mulheres. Um estudo similar (Delevi & Bugay, 2013) também

demonstrou que por ser uma escala de atitudes frente às mulheres, os homens tornam-se não tão participativos. Logo, a fim de suprimir essa limitação o ideal seria distribuir igualmente o número de participantes mulheres e homens. Outra limitação, é que não foi feita uma análise experimental para diagnosticar quais grupos possuem atitudes mais favoráveis às mulheres, o que não permite comparações entre os sexos, por exemplo. Uma alternativa seria aplicar em grupos distintos randomizados para de fato identificarmos se os homens e as mulheres possuem atitudes diferentes ou similares em relação ao papel social e aos direitos das mulheres. Também não foi realizada validade convergentes ou discriminante com outras escalas. Estudos futuros poderão testar se a AFM possui propriedades convergentes com os Inventário de papéis de gênero (Barros, Natividade & Hutz, 2013); Inventário de sexismo ambivalente (Glick & Fiske, 1996), ou até mesmo com a Bem Sex-Role Inventory (Bem, 1974), que são escalas já validadas para o contexto brasileiro.

Portanto, a presente escala apresentou propriedades psicométricas adequadas para o uso no contexto brasileiro. Superando assim uma das limitações relatadas por Whatley (2008) em seu estudo, onde o autor aponta que Spence e Helmreich (1978), não apresentaram o processo da estrutura fatorial dos itens de maneira clara e suficiente para que haja comparação com seus dados. Nosso estudo permite que o pesquisador saiba que o construto a ser estudado são as atitudes frente às mulheres e foi explorada e por meio das análises estatísticas demonstramos que os itens apresentam uma estrutura unidimensional. Por fim, mesmo com as limitações citadas acima, o presente estudo apresenta mais um instrumento com índices satisfatórios, que pode contribuir nos estudos acerca do gênero. Também permitirá comparações transculturais e abrangência a nível dos participantes em relação às atitudes frente às mulheres. Esperamos que profissionais que trabalham com a temática do gênero, tenham mais um instrumento para avaliar se as pessoas são favoráveis a mulher em termos de direitos e papéis sociais e assim poder traçar políticas de promoção e assistência a mulheres

Capítulo 4:

Estudo 3. As relações entre as atitudes frente às mulheres, sexismo ambivalente, agressão e personalidade

O presente estudo diz respeito a um delineamento correlacional considerando as principais variáveis: atitudes frente à mulher, sexismo ambivalente, agressão e personalidade. Para tal, algumas hipóteses foram levantadas, são elas: (H1) as atitudes favoráveis frente às mulheres apresentem correlações negativas e significativas com o sexismo ambivalente; (H2) as atitudes favoráveis frente às mulheres apresentam correlações negativas e significativas com agressão; e por fim, (H3) as atitudes favoráveis frente às mulheres apresentam relações positivas e significativas com os fatores de personalidade “abertura a experiência” e “extroversão”.

Método

Participantes

Participaram 261 pessoas provenientes da população geral, a partir de uma amostragem não probabilística e por conveniência. A presente amostra é caracterizada principalmente por sujeitos residentes do Estado de São Paulo (28,4) e com idades entre 18 a 69 anos ($M = 29,14$; $DP = 10,14$; $EP = 0,62$). A maioria do sexo feminino (75,8%), solteiras (43,6%) e heterossexuais (73%). Os participantes possuem ensino superior incompleto (41,7%), são de classe média baixa (58,7%) e se autodeclararam religiosos (24,6%).

Instrumentos

Escala de Atitudes Frente a Mulher (AFM): Instrumento descrito anteriormente.

Ambivalent Sexism Inventory (ASI): desenvolvida por Glick e Fiske (1996) e validada para o Brasil como Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) por Formiga, Gouveia e Santos (2002), com o objetivo de avaliar o sexismo contra as mulheres sob duas dimensões: a hostilidade (e.g., a maioria das mulheres não aprecia completamente tudo o que os homens

fazem por elas) e benevolência (e.g., as mulheres devem ser queridas e protegidas pelos homens), com o alfa de Cronbach: 0,66 e 0,77 respectivamente, em um conjunto de 22 itens. Os participantes devem ler cada item e indicar quanto estão de acordo com o conteúdo expresso, utilizando para tanto uma escala do tipo Likert de quatro pontos, variando de 1 = Discordo totalmente a 4 = Concordo totalmente.

Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R): Esta medida foi elaborada originalmente por Buss-Perry (1992), e composta inicialmente por 52 itens e reduzido com sua análise fatorial dos eixos principais para 29 itens. Posteriormente, Bryant e Smith (2001) validaram a escala reduzindo o número de 29 para 12 itens distribuídos em 4 fatores descritivos: agressão física, verbal, raiva e hostilidade, denominada como *Aggression Questionnaire short version* (Bryant & Smith, 2001). No Brasil a presente medida foi validada por Paiva et al. (2020) apresentando alfa de Cronbach de 0,86.

Inventário de personalidade de dez itens (TIPI): Elaborado originalmente por Gosling, Rentfrow e Swan (2003), e no Brasil validada por Pimentel e Seco (2011), trata-se de uma medida breve dos cinco grandes fatores de personalidade, composta por dez itens. Os participantes devem responder com base no estímulo: “Eu me vejo como alguém...”, seguindo os itens (e.g., “crítico, briguento”; “Simpático, acolhedor). Os itens eram avaliados em uma escala de concordância do tipo Likert com 7 pontos, variando entre 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente.

Questionário sociodemográfico: com o intuito de caracterizar a amostra, continha informações sobre: Estado que reside, idade, gênero, estado civil, orientação sexual, escolaridade, nível socioeconômico e religiosidade.

Procedimentos

Todos os preceitos éticos foram seguidos e detalhados nos estudos anteriores.

Análise de dados

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizado o IBM SPSS Statistics versão 21. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais, como média e desvio padrão. Também foram calculadas as correlações de Pearson e para avaliar a consistência interna foi usado o alfa de Cronbach e Ômega de McDonald.

Resultados

A partir dos resultados observamos através da média (Ver Tabela 4) que os participantes apresentaram atitudes favoráveis às mulheres. As médias do ISA, tanto para sexismo benévolo quanto para hostil apresentaram uma média baixa. Seguindo essa esteira, conclui-se que as pessoas apresentaram baixo índice de atitudes sexistas. Já o QA-R também apresentou médias baixas (com exceção da agressão verbal) nos fatores agressão física, hostilidade e raiva. Por fim, as médias da TIPI foram altas nos cinco fatores: abertura à experiência conscienciosidade, extroversão, agradabilidade e estabilidade emocional. Pode-se verificar os seguintes índices de consistência interna: AFM ($\alpha = 0,71$, $\omega = 0,71$); ISA (sexismo benévolo: $\alpha = 0,85$, $\omega = 0,85$; sexismo hostil: $\alpha = 0,89$, $\omega = 0,90$); AQ-R ($\alpha = 0,82$; $\omega = 0,82$).

A correlação negativa e significativa entre a AFM e sexismo benevolente ($r = -0,46$) e hostil ($r = -0,52$), apontando que sujeitos sexistas possuem atitudes menos favoráveis frente à mulher, tanto no sexismo hostil, aquele que enxerga a mulher como um objeto e submisso, quanto no sexismo benévolo, que pode até ser visto como algo bom, porém reforça o patriarcalismo, tratando a mulher como um ser frágil, que necessita de cuidados, um ser dependente. Também foi possível observar a correlação negativa entre atitudes frente às mulheres e a agressão física ($r = -0,10$), isso significa que quanto mais agressão física menos atitudes favoráveis diante as mulheres esses sujeitos irão apresentar. Por fim, observamos a correlação positiva e significativas entre a dimensão abertura à experiência e atitudes

favoráveis frente às mulheres.

Tabela 4. *Relações entre atitudes frente à mulher e as outras variáveis usadas no estudo*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Atitudes frente à mulher	-											
2. Sexismo benévolo	-0,46**											
3. Sexismo hostil	-0,52**	-0,61**										
4. Agressão física	-0,10*	0,10*	0,30**									
5. Agressão verbal	0,56	-0,08	-0,11*	0,32**								
6. Hostilidade	-0,05	0,16**	0,15**	0,42**	0,34**							
7. Raiva	-0,08	0,09	0,13*	0,46**	0,48**	0,63**						
8. Abertura a experiencia	0,14**	-0,11*	-0,15**	-0,03	0,16**	-0,03	-0,03					
9. Conscienciosidade	0,00	0,05	0,08	-0,08	-0,09	-0,15**	-0,12*	0,08				
10. Extroversão	-0,01	0,03	-0,01	-0,03	0,14**	-0,07	0,05	0,34**	0,10*			
11. Agradabilidade	0,00	0,03	-0,04	-0,29**	-0,28**	-0,21**	0,27**	0,16**	0,12*	0,09		
12. Estabilidade emocional	-0,04	0,05	0,06	-0,16**	-0,23**	-0,31**	-0,47**	0,17**	0,19**	0,05	0,31**	

Notas: * $p \leq 0,05$; ** $p < 0,01$.

1: Atitudes frente a mulher ($M = 4,67$; $DP = 0,33$); **2:** Sexismo benévolo ($M = 1,90$; $DP = 0,58$); **3:** Sexismo hostil ($M = 1,70$; $DP = 0,70$); **4:** Agressão física ($M = 1,97$; $DP = 0,90$); **5:** Agressão verbal ($M = 3,01$; $DP = 0,84$); **6:** Hostilidade ($M = 2,80$; $DP = 1$); **7:** Raiva ($M = 2,50$; $DP = 1,02$); **8:** Abertura a experiencia ($M=4,43$; $DP=1,11$); **9:** Conscienciosidade ($M = 4,34$; $DP = 1,06$); **10:** Extroversão ($M = 3,48$; DP

= 1,14); **11:** Agradabilidade ($M = 4,48$; $DP = 0,97$); **12:** Estabilidade emocional ($M = 3,52$; $DP = 1,28$).

Discussão

Os resultados mostraram que todas as hipóteses previamente levantadas foram corroboradas. Revelando que existem relações entre atitudes frente à mulher e sexismo, agressão e a dimensão abertura à experiência. Como esperado, esses resultados respondem as questões levantadas. A partir dos achados do presente estudo observamos a correlação significativa e negativa entre as atitudes frente às mulheres (refere-se às atitudes favoráveis) e o sexismo ambivalente, que abrange tanto o sexismo benévolo, quanto o sexismo hostil, corroborando a H1. Assim, quanto mais os sujeitos endossam o sexismo, menos atitudes favoráveis em relação a mulher os mesmos vão ter. Dessa forma acreditam que mulheres não devem possuir e gozar dos mesmos direitos, oportunidades de se desenvolver academicamente, profissionalmente ou adentrar o mercado de trabalho que os homens. Sendo vista apenas em papéis correspondentes ao “feminino”, de cuidado, zelo, mas nunca de liderança (Formiga, Gouveia, & Santos, 2002).

Quanto ao QA-R, o fator agressão física, que representa um elemento comportamental com intenção de causar dor ou sofrimento físico, apresentou correlação significativa com as atitudes frente à mulher, por ser negativa, aponta que quanto maior for a agredir fisicamente menos atitudes favoráveis (H2). A literatura mostra que violência física se apresenta majoritariamente cometida por homens, sendo o principal motivo de denúncias. Com relação à prevalência do tipo de violência sofrida, a agressão física também foi a mais praticada (Vasconcelos, Holanda, & Albuquerque, 2016). Já com respeito aos aspectos da personalidade, foi possível identificar a relação entre abertura à experiência ou abertura à mudança e atitudes frente à mulher. A relação positiva (H3) indica que sujeitos que se caracterizam por apresentarem interesses intrínsecos em experiências em uma variedade de

áreas, englobando traços como flexibilidade de pensamento, imaginação, interesses culturais, versatilidade e curiosidade, possuem mais atitudes favoráveis com relação às mulheres na sociedade (Silva, Schlottfeldt, Rozenberg, Santos, & Lelé, 2007).

Mesmo com resultados importantes para a compreensão do fenômeno, as limitações do estudo devem ser evidenciadas. A primeira diz respeito a amostra da pesquisa, assim como nos estudos anteriores, as mulheres também foram maioria. Dessa forma, não temos um recorte da sociedade como um todo, dado que a amostra foi por conveniência. Destacamos ainda que foi adotado um delineamento correlacional, o que impede fazer afirmações acerca de relações causais entre atitudes frente às mulheres com o sexismo, agressão e personalidade.

No entanto, esperamos que o estudo guie pesquisas futuras, pois aporta resultados importantes para o combate à violência contra a mulher em seus diferentes estágios (e.g., agressão física, agressão verbal). Pois somos herdeiros de uma sociedade que carrega pensamentos e crenças ultrapassados, que entendia a mulher como inferior ao homem, por esse motivo é tão comum a violência física, o estupro, os assassinatos, as torturas psicológicas. Tais efeitos, tão repetidos pela injunção ideológica que faz parecer naturalizado certo dizer e certa representação imaginária, indicam que a mulher ainda se encontra em um lugar social desigual em relação ao homem.

Capítulo 5:

Estudo 4. Músicas misóginas influenciam a agressão e atitudes desfavoráveis as mulheres?

Partimos dos resultados encontrados no capítulo anterior, com isso este estudo foi delineado com o objetivo principal de suprir as lacunas apontadas quanto a influência das músicas misóginas nas atitudes frente a mulher e agressão. O presente estudo é um delineamento experimental, considerando as variáveis: atitudes frente a mulher, sexismo ambivalente, agressão e personalidade. Especificamente, busca-se saber: as músicas misóginas podem influenciar nas atitudes desfavoráveis as mulheres (quando comparados a uma música não misógina) em um contexto experimental de curto prazo? Essas músicas também influenciariam o aumento da agressão? Para tal, foram manipuladas três músicas, sendo duas misóginas (condições experimentais) e outra não misógina (controle), todas do mesmo cantor e mesmo gênero musical. Dada as correlações encontradas no estudo anterior, foi hipotetizado que os participantes que ouviram as músicas misóginas apresentariam mais atitudes desfavoráveis frente as mulheres e maiores índices de agressão do que os sujeitos do grupo controle. A hipótese levantada se baseia nos efeitos de curto prazo na agressão preconizados pelo GAM. Tais efeitos na agressão aconteceriam através de três processos psicológicos: o *priming* que seria a ativação de uma estrutura de aprendizagem agressiva que existe no sujeito, corresponde ao produto de experiências passadas, ou seja, os *scripts*; outro processo seria a imitação do comportamento agressivo; e por fim as mudanças na excitação fisiológica estimuladas pela mídia violenta (Bandura, 1997; Berkowitz, 1989; Fiske & Taylor, 1991).

Método

Participantes

Participaram 147 pessoas provenientes da população geral e por conveniência. A presente amostra é caracterizada principalmente por sujeitos residentes do Estado da Paraíba (26%) e São Paulo (26%) com idades entre 18 a 59 anos ($M = 29,4$ $DP = 9,86$, $EP = 0,068$). A maioria do sexo feminino (69,4%), solteiras (43,5%) e heterossexuais (72,8%). Os participantes possuem pós graduação completa (31,3%), são de classe média (55,8%) e não se declararam religiosos (23,1%). Foram 49 participantes para cada uma das condições: experimental (música misógina 1), experimental (música misógina 2) e controle (música não misógina). Este tamanho de amostra foi estimado no WebPower (Zhang & Yuan, 2018), com 80% de poder para detectar um tamanho de efeito médio (Cohen $d = 0,50$). A escolha dos participantes para cada condição foi randômica.

Instrumentos

Escala de Atitudes Frente a Mulher (AFM): Instrumento descrito no Estudo 2.1

Ambivalent Sexism Inventory (ASI): Instrumento descrito no Estudo 3.

Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R): Instrumento descrito no Estudo 3.

Inventário de personalidade de dez itens (TIPI): Instrumento descrito no Estudo 3.

Questionário sociodemográfico: Já descrito no Estudo anterior.

Procedimentos

Todos os preceitos éticos foram seguidos e os gerais já detalhados nos estudos anteriores. Os dados foram coletados de maneira on-line por meio do *Software Qualtrics* em diversas redes sociais (e.g., *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, *e-mails*). O único critério era que os participantes tivessem acima de 18 anos. Neste estudo em especial, os sujeitos eram convidados a participarem de um estudo sobre os efeitos da música na cognição (engodo). A

primeira parte consistia na apresentação da pesquisa, além do TCLE e contato da pesquisadora. No final da página havia a opção de concordar com os termos e prosseguir na pesquisa. Em seguida, havia uma chamada para que os participantes estivessem atentos tanto a música quanto a letra que seria apresentada a seguir. Ao prosseguir, o participante era alocado em umas das três condições (1º música misógina, 2º música misógina e 3º música não misógina), onde era sinalizado que clicassem em “clique aqui para ouvir a música”. A letra também era apresentada. As músicas utilizadas no estudo pertenciam à dupla sertaneja “João Carreiro e Capataz” e duravam em média 3 minutos. Após ouvirem as músicas, o participante respondia aos questionários na seguinte ordem: escala de atitudes frente à mulher, inventário de sexismo ambivalente, questionário de agressão e inventário de personalidade de dez itens. Por fim, também respondiam às perguntas sociodemográficas.

Além disso, respondiam a quatro perguntas específicas: 1º) o inquérito *arousal*, que tinha como objetivo medir a estimulação que a música causaria nos participantes, pois para o GAM o *arousal* é uma rota cognitiva. Assim, foi medido por meio da seguinte pergunta: “Você se sente estimulado ao ouvir essa música?”, em escala de resposta variava de 0 = não me sinto estimulado a 10 = me sinto extremamente estimulado; 2º) se referia ao inquérito de exposição, que tinha como objetivo investigar se os participantes já tinham ouvido a música anteriormente, pois poderia ser uma variável de interferência nos resultados. Através da pergunta: “Você já ouviu antes a música utilizada nesse estudo?”, medida por meio de uma escala que variava de 0 = nunca a 10 = muitas vezes; 3º) dizia respeito a familiaridade dos participantes com o estilo de música apresentada. A depender da resposta, poderia interferir na forma como os participantes se comportavam no experimento. Medido por meio da pergunta: “Você costuma ouvir músicas similares a que foi apresentada nesse estudo? Se sim, com qual frequência?” a escala de resposta variava de 0 = nunca a 10 = diariamente. Por fim, a 4º) se tratava do *manipulation check*, a fim de investigar se os participantes realmente

entenderam as músicas das condições experimentais como misóginas e a da condição neutra como não misógina. Através da pergunta: “Até que ponto você considera que a música apresentada deprecia as mulheres?”. A escala de resposta variava de 0 = nada depreciativa a 10 = muito depreciativa. Ao finalizar o experimento o participante era agradecido por sua participação voluntária e era realizado o *debriefing*, onde foi revelado os objetivos reais do experimento e a análise de suspeita. A aplicação durou em média 30 minutos.

Análise de dados

Os dados foram analisados por meio do JASP (JASP Team, 2019), no qual foram realizadas análises descritivas, de comparação de médias e Análise de Variância - ANOVA.

Resultados

Manipulation Check

Como requisito fundamental de um estudo experimental, primeiramente foi observado se os participantes dos grupos experimentais de fato perceberam se a música ouvida por eles como mais misógina do que os do grupo controle. Uma ANOVA revelou que os participantes na condição experimental 1 perceberam o estímulo apresentado como mais misógino tanto quando comparado ao grupo controle quando comparado ao grupo experimental 2. Já os participantes do grupo experimental 2 também perceberam mais misoginia na música apresentada do que o grupo controle, no entanto, a média foi menor que o grupo experimental 1. Dessa forma, atingimos o objetivo com a manipulação dos grupos. Os dados podem ser vistos na Tabela abaixo.

Tabela 5. *Comparação das médias entre os grupos*

Grupo	Média	DP	N
GC	4,63	3,32	49
GE1	7,95	3,10	49
GE2	6,10	3,42	49

$$*F(2, 147) = 11.96; p < 0,001$$

Com relação aos inquéritos realizados, o *arousal* mostrou que não houve diferença significativa entre as médias dos grupos, assim, tanto os participantes dos GE1 e 2 quanto do GC não se sentiram estimulados a exposição das músicas. Com relação a exposição anterior dos sujeitos a música apresentada no estudo, os participantes dos GE1 ($M = 1,04$; $DP = 2,13$) e GE2 ($M = 1,34$; $DP = 2,59$) apresentaram maior média do que o GC ($M = 0,83$; $DP = 2,13$), indicando que os participantes dessas condições já tinham ouvido anteriormente a música do experimento. Por fim, quanto a familiaridade da amostra em relação ao gênero musical apresentado, as médias dos participantes nas condições foram GE1 ($M = 1,22$; $DP = 1,88$), GE2 ($M = 2,36$; $DP = 2,67$) e GC ($M = 2,91$ e $DP = 2,78$), indicando que mesmo que os sujeitos do grupo controle não tenham ouvido a música do experimento anteriormente, os mesmos estavam mais familiarizados com esse gênero musical. Dando prosseguimento aos resultados encontrados constatamos através da ANOVA para amostras independentes o efeito principal significativo da manipulação experimental das músicas misóginas sobre a agressão física, $F(2, 147) = 3,08$, $p < 0,02$; $d = 0,05$; $\eta^2_p = 0,05$. Os participantes que ouviram a música misógina do GE2 ($M = 2,02$; $DP = 1,08$) apresentaram maior índice de agressão física em comparação ao GC ($M = 1,77$; $DP = 0,85$), como observada na Figura 5.

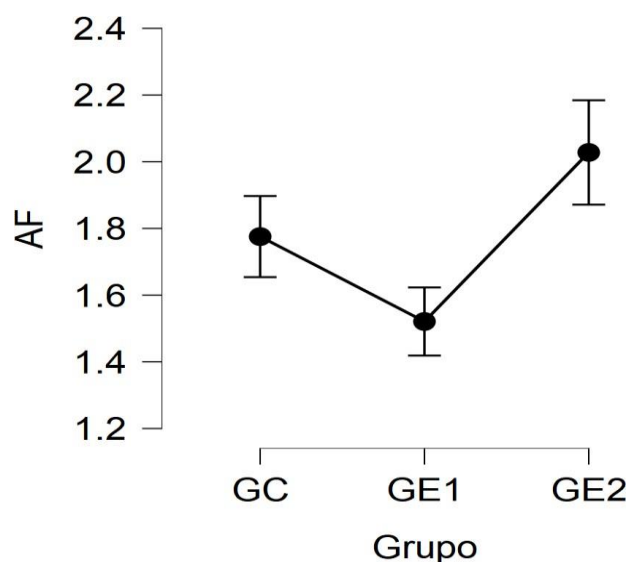


Figura 5. Efeito de músicas misóginas na agressão física (IC 95%).

Observamos um efeito principal marginalmente significativo da manipulação experimental das músicas misóginas sobre agressão verbal, $F(2, 147) = 0,46$ $p < 0,06$; $d = 0,06$; $\eta^2_p = 0,06$. No entanto a análise não evidenciou uma diferença significativa entre os participantes do GE2 ($M = 3,14$; $DP = 1,22$) e os participantes do GC ($M = 2,95$; $DP = 1,09$). Na Figura 6 podemos observar essas diferenças.

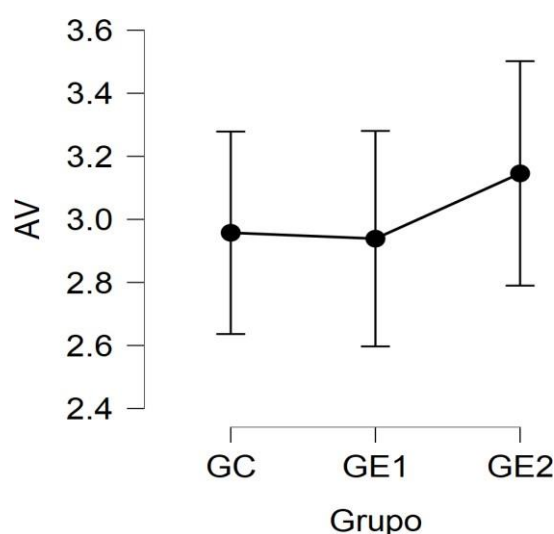


Figura 6. Diferenças entre os grupos quanto à agressão verbal (As barras indicam intervalos de confiança de 95%).

Discussão

Este estudo mostrou que músicas com letras misóginas influenciam nos níveis de agressão física e verbal dos ouvintes quando comparados com os participantes que ouviram a música neutra. Estes resultados correspondem ao efeito de curto prazo indicado pelo GAM no que diz respeito a agressão (Anderson & Bushman, 2018). Na esteira dos achados do presente estudo, cabe atentar para o fato de que a exposição a conteúdos violentos da mídia através da televisão, filmes, videogames e letras de música – está associada a sentimentos de raiva e a inclinações agressivas reais (Anderson et al., 2003; Fischer & Greitemeyer, 2006). Mesmo

com uma exposição curta, foi possível observar a diferença nos índices de agressão, corroborando o que afirmam Anderson e Bushman (2018), onde o contato com mídias violentas pode ter vários efeitos deletérios, por exemplo: aumento na agressividade, dessensibilização, impulsividade, estereótipos negativos sobre grupos marginalizados.

Pesquisas anteriores com letras misóginas também encontraram efeitos na agressão. Os resultados do estudo de Fischer e Greitemeyer (2006), cuja a amostra composta somente por homens, mostraram que o grupo que ouviu a música misógina apresentou maiores índices de agressão frente as mulheres. Em estudo experimental de Hall, Hill e West (2012), o grupo no qual participantes foram expostos a música com letra misógina, atribuíram ao sexo oposto períodos mais longos de "tratamento com água gelada" do que os grupos controle. O terceiro grupo, no qual os sujeitos foram expostos a duas músicas diferentes com letras misóginas, mostraram notável aumento na agressão às mulheres, observados dos períodos nos quais o sexo oposto era submetido a água gelada.

Dessa forma, a hipótese do estudo foi parcialmente comprovada, já que não houveram diferenças estatisticamente significativas quanto as atitudes frente as mulheres e as outras variáveis estudadas, assim, se faz necessário estudos experimentais e replicações para estabelecimento de um efeito significativo e consequentemente essa lacuna teórica pode ser superada. Além disso, esse estudo pode ajudar a compreender como o consumo de mídias pode influenciar na violência contra as mulheres. No cenário brasileiro, por exemplo, esse fenômeno pode ser observado através de dados estatísticas, nos quais, segundo o Mapa de Violência contra a Mulher (2018), a cada 17 minutos uma mulher é agredida fisicamente e de meia em meia hora alguém sofre violência psicológica ou verbal. Ainda, o relatório traz que mais de 60% das mulheres disseram já terem sido agredidas fisicamente. Desse modo, o estudo apresenta potencial relevância na explicação da misoginia no Brasil.

Quanto as potenciais limitações da pesquisa podemos afirmar que o fato de não termos

controle sobre a aplicação do estímulo musical se tornou a grande limitação do estudo. Assim, não podemos atestar que todos os participantes ouviram de fato a música apresentada ou mesmo que ouvissem, se estavam atentos a letra. Além disso, se o ambiente em que se encontravam era propício (e.g., se havia ruídos externos, a conexão com a internet) ou se a letra da música quando apresentada em *smartphones* era de difícil visualização, pois, mesmo que testada anteriormente, para algumas pessoas poderia ser um entrave.

Outra limitação da pesquisa se encontra no *manipulation check*. A pergunta apresentada na verdade tratava-se mais de uma atitude sobre a música do que um conhecimento efetivo sobre a mesma. Uma forma de superar essa limitação seria pedir para que os participantes escrevessem algum trecho sobre a música apresentada. Assim, teríamos confirmarmos que os participantes ouviram a música. A especificidade dos participantes também foi outra limitação, apesar de ter divulgação ampla por meio da internet, a amostra não se caracteriza como probabilística, mas de conveniência. Além disso, argumentamos que a amostra majoritariamente feminina teve influência nos resultados, principalmente na variável atitudes frente à mulher. Uma solução possível para redimir essa limitação em estudos futuros seria levantar uma distribuição igualitária ou a realização de um estudo somente com homens, tendo em vista que são esses os grandes agentes das agressões contra às mulheres.

O tamanho da amostra também ser apontado como limitante da pesquisa. É provável que um estudo com um número maior de sujeitos em cada condição poderia abarcar uma realidade ainda maior de nossa sociedade. Por fim, o fato de as músicas serem mais antigas (lançadas no período de 2003 a 2009) pode ter repercutido nas respostas dos participantes, tendo em vista a baixa média de idade dos participantes. Isso fica evidente quando os participantes assinalaram nunca ter ouvido a música utilizada no experimento, porém afirmavam ser familiarizados com o estilo musical empregado (sertanejo). No entanto, tais

limitações, não retiram os importantes resultados encontrados no estudo. Os achados são claros ao demonstrarem que mesmo um estímulo a curto prazo como uma música e exposição ocorrendo apenas uma vez é capaz de influenciar na agressão.

Assim, pesquisas futuras poderiam replicar os resultados aqui encontrados, mas não somente isso: é necessário avançar nas análises, estímulos e diversificação de cenários. É importante lembrar que pesquisas experimentais não abarcam completamente toda a essência e complexidade contextual do mundo real, ainda mais de uma problemática tão enraizada em nossa sociedade. Busca-se o desenvolvimento e testagem de teorias, na tentativa de explicar processos e mecanismos subjacentes envolvidos na problemática, são esses princípios que se deseja generalizar (Anderson & Bushman, 1997). Por fim, o estudo confirmou parcialmente suas hipóteses e contribui para o entendimento do das músicas misóginas em seus ouvintes, de acordo com o GAM.

Capítulo 6:

Discussão Geral da Dissertação

Ancorada no Modelo Geral da Agressão (GAM), a presente dissertação discute as descobertas obtidas ao longo de quatro estudos. Os resultados serão apresentados e relacionados com a literatura existente. Em seguida abordaremos as implicações teóricas dos exemplificar que o trabalho abrange complexos fenômenos sociais. Por fim, são apresentadas as direções futuras enquanto produções acerca da temática e as limitações do presente trabalho.

Principais Resultados

Partindo de um levantamento da literatura (Estudo 1) sobre letras de músicas a fim de mapear e sistematizar as produções nacionais e internacionais nos últimos dez anos, foi possível compreender que os estudos tem se preocupado com os efeitos negativos das letras de músicas nos sujeitos (Gutscher, Schramm, & Wirth, 2011; Lawrence & Joyner, 1991), tendo na abordagem quantitativa o principal arcabouço teórico na realização de experimentos. Nesses estudos, os participantes eram expostos a um estímulo musical e após isso suas reações eram medidas. Geralmente, eram atitudes a um estímulo social ou a um alvo específico (e.g., mulheres), o que abriu espaços à realização do Estudo 2, no qual propomos a adaptação e validação de um instrumento – a Escala de Atitudes Frente à Mulher (AFM, Spencer & Helmeich, 1978).

Este estudo, dividido em duas partes, apontou que a medida proposta para adaptação apresenta uma estrutura unifatorial e se ajusta ao modelo teórico proposto. Assim, ao adaptarmos a AFM para o contexto brasileiro dispomos de um instrumento que auxilia na compreensão da problemática, que por mais debatida ainda impacta cotidianamente a vida de milhares de mulheres, tendo em vista que vivemos em uma sociedade marcada pela dominação patriarcal, a qual faz uso da violência como expressão e representação desse modelo. A realidade é que através uma ideologia em que a posição feminina é colocada como

inferior a condição masculina, essas diferenças se transformam em desigualdades hierárquicas (Santos & Izumino, 2005).

No Estudo 3, buscamos verificar a relação da AFM com escalas já existentes, a fim de compreender melhor as relações existentes entre esses fenômenos e como eles atingem as mulheres em nossa sociedade. Foram utilizadas nesse estudo as medidas de sexismo ambivalente, com índices significativos e negativos em ambos os fatores; o questionário de agressão, com escore negativo e significativo no fator agressão física; e por fim o inventário de personalidade, com o fator abertura a experiência se correlacionando positivamente e significativamente com as atitudes favoráveis frente às mulheres.

Por fim, o quarto estudo, o experimento com três grupos (2 experimentais e 1 controle), resultou em dados consistentes em apoio à hipótese de que a exposição às músicas misóginas pode aumentar a agressão, corroborando as hipóteses (efeitos de curto) de desenvolvimento do GAM sobre agressão humana em geral e sua interpretação de como a violência na mídia afeta aqueles expostos a ela (Allen et al., 2018; Anderson & Bushman, 2018). Essa perspectiva teórica explica que um sujeito exposto habitualmente a mídias violentas tem maiores chances (aliado a outros fatores) de desenvolver respostas agressivas, além de uma personalidade agressiva. O modelo teórico utilizado para fundamentar os achados dessa dissertação, também serviu de base para pesquisas anteriores sobre violência na mídia e agressão (Allen et al., 2018; Coyne et al., 2018; Mariano et al., 2020; Vasconcelos, 2020).

A concepção da agressão humana que surge desse modelo, se fundamenta nas influências exercidas pelos aspectos biológicos, culturais, sociológicos, familiares e individuais que preparam a pessoa para perceber e responder às interações sociais em andamento (os episódios) de várias maneiras complexas. Com isso, o modelo traz que o tempo de exposição e a experiência adquirida da repetição, tem impacto em indivíduos com

certa predisposição a se sentirem ameaçados e responderem a elas com agressão física. Consequentemente, esses sujeitos irão se tornar habitualmente agressivos, especialmente se o ambiente for provocativo e essas situações surjam frequentemente (Anderson et al., 2007; Gentile & Stone, 2005).

Por fim, foi possível confirmar parcialmente nossa hipótese, verificando que a exposição mesmo que a curto prazo é capaz influenciar as reações dos sujeitos a determinados grupos (Fischer & Greitemeyer, 2006), mas não a de que as músicas misóginas influenciam nas atitudes frente às mulheres. Dito isto, a dissertação atesta que o efeito mesmo que a curto prazo a exposição de músicas misóginas está associado ao um aumento na agressão física em adultos, confirmando através do método experimental o pressuposto do GAM (Allen et al., 2018; Anderson & Bushman, 2018).

Implicações teóricas

Embora muitas das implicações desses estudos sejam bastante claras, é importante observar algumas em particular. Primeiro, ao mostrarmos que a AFM é um instrumento válido e fidedigno, apresentamos mais um instrumento com índices psicométricos satisfatórios, que pode contribuir nos estudos acerca do gênero. Sua adaptação ao contexto brasileiro permite que profissionais que trabalham com a temática do gênero tenham mais um instrumento para avaliar até que ponto as pessoas são favoráveis às mulheres em termos de direitos e papéis sociais, podendo colaborar diretamente com a organização de políticas públicas de promoção a assistência a mulheres que tanto são alvo do preconceito herdado por uma sociedade patriarcal (Narvaz & Koller, 2006).

Além disso, o estudo correlacional nos mostrou relações entre variáveis até agora não estudadas. Até onde sabemos nenhum estudo investigou as correlações entre as atitudes frente às mulheres, sexismo, agressão e personalidade. Nesse sentido, o estudo foi pioneiro em evidenciar essa propriedade, demonstrando em que direção e magnitude esses fenômenos

relacionam-se entre si. Por fim, os achados experimentais do Estudo 4 atestam a influência das músicas misóginas nas atitudes dos sujeitos às mulheres, superando assim uma lacuna na literatura, principalmente nacional, quanto a produções com letras de músicas misóginas.

Direções futuras

Os resultados aqui encontrados podem ser usados como base para estudos futuros, visto que a consistência dos dados de pesquisas científicas pode identificar e propor intervenções a problemas sociais, favorecendo políticas públicas de atenção e prevenção da violência contra às mulheres. Os achados científicos aqui conversam diretamente com a realidade vivida pelas mulheres em nossa sociedade, assim, o fato científico de que a exposição à violência na mídia aumenta a probabilidade de comportamento agressivo em contexto (de curto prazo) serve de incentivo para debates e elaborações de políticas públicas. Além de servir também, para informar as pessoas sobre sua própria exposição a esse fator de risco (Allen et al., 2018; Anderson & Bushman, 2018). Neste sentido, é importante que futuramente estudos com músicas misóginas e seus efeitos a longo prazo na agressão sejam realizados, a fim de verificar o efeito de exposição, como está sendo feito com outras mídias (e.g., os videogames) apresentado nos estudos de Mariano (2020).

Limitações

Os resultados apresentados aqui fornecem consistências empíricas. No entanto, devemos pontuar os potenciais limitações do trabalho. Primeiramente, o viés amostral em todos os estudos aqui apresentados foi por conveniência (não-probabilísticas). Certamente, não são representativas das populações das quais foram retiradas, restringindo quaisquer possibilidades de generalizações. Dessa forma não foi possível representar igualmente homens e mulheres, impedindo assim análises de diferenças de médias entre os gêneros.

Outra limitação pode ser pontuada no estudo 4, onde a amostra foi reduzida ($N = 147$ participantes). Amostras maiores e mais heterogêneas devem ser consideradas tendo em vista

que a maioria foi composta por participantes do sexo feminino, o que impacta nos resultados finais. Por fim, demanda-se que em pesquisas futuras sejam utilizados os instrumentos aqui empregados de forma a aprofundar o conhecimento acerca da relação entre as atitudes frente às mulheres, sexismo, agressão e personalidade.

Considerações finais

As limitações apresentadas não retiram a relevância teórica e social da dissertação. Os efeitos das mídias sobre os sujeitos mesmo que já provados por meio de diversas pesquisas, ainda necessitam avançar no sentido de compreender outros modos de agressão (e.g., misoginia, sexismo, machismo). Dessa forma, os resultados apresentados mesmo passíveis de aperfeiçoamento, apontam a direção a ser explorada por futuras pesquisas. Assim, novas pesquisas são necessárias para desenvolver o campo e ampliar tanto o entendimento dos fatores de risco quanto dos fatores protetivos que influenciam a agressão humana de forma geral. Por fim, concluímos que objetivo final desta dissertação alerta para os efeitos que as músicas misóginas podem causar nas pessoas, mesmo que a curto prazo. Dessa forma, devemos entender que o estudo sobre letras de músicas é importante, pois a música é uma mídia de grande consumo, fazendo parte do processo cultural que possui o poder de ajudar na manutenção das desigualdades sociais e nas diversas formas de agressões às mulheres.

REFERENCIAS

- Allen, J. J., & Anderson, C. A. (2017). Aggression and Violence: Definitions and Distinctions. In P. Sturme (Ed.), *The Wiley Handbook of Violence and Aggression*, JohnWiley & Sons, Inc.
- Allen, J. J., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). The General Aggression Model. *Current Opinion in Psychology*, 19, 75-80.
- American Academy of Pediatrics. (1996). Impact of music lyrics and music videos on children and youth. *Pediatrics*, 98, 1219-1221. Recuperado de <https://pediatrics.aappublications.org/content/98/6/1219>
- Anderson, C. A. (1997). Effects of violent movies and trait hostility on hostile feelings and aggressive thoughts. *Aggressive Behavior*, 23, 161-178. doi: 10.1002/(SICI)1098-2337(1997) 23:33.0.CO;2-P.
- Anderson, C. A., Benjamin, A. J., & Bartholow, B. D. (1998). Does the gun pull the trigger? Automatic priming effects of weapon pictures and weapon names. *Psychological Science*, 9, 308–314. doi: 10.1111/1467-9280.00061.
- Anderson, C. A., & Bushman, B.J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27-51.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). Media Violence and the General Aggression Model. *Journal of Social Issues*, 74, 386-413. doi:10.1111/josi.12275
- Anderson C. A., & Carnagey, N.L. (2004). Violent evil and the General Aggression Model. In A. G. Miller, *The Social Psychology of Good and Evil* (pp. 168-192). New York: Guilford.
- Anderson, C. A., Carnagey, N. L., & Eubanks, J. (2003). Exposure to violent media: The effects of songs with violent lyrics on aggressive thoughts and feelings. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 960–971. doi: 10.1037/0022-3514.84.5.960

- Anderson, C.A., & Dill, K.E. (2000). Video games and aggressive thoughts, feelings, and behavior in the laboratory and in life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 772-790.
- Anderson, C. D., Deuser, W. E., & DeNeve, K. M. (1995). Hot temperatures, hostile affect, hostile cognition, and arousal: tests of a general model of affective aggression. *Personality and Social Psychology*, 21, 434-448.
- Anderson, C.A., & Huesmann, L.R. (2003) Human Aggression: A Social-Cognitive View. In Hogg, M.A. and Cooper, J., (Eds.), *The Sage handbook of social psychology*, Sage, Thousand Oaks, CA, 296-323.
- Anderson, C. A., Shibuya, A., Ihori, N., Swing, E. L., Bushman, B.J., Sakamoto, A., Rothstein, H.R., & Saleem, M. (2010). Violent video game effects on aggression, empathy, and Prosocial behavior in Eastern and Western countries: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 136 (n), 151-173.
- Anunciação, L. (2018). An Overview of the History and Methodological Aspects of Psychometrics History and Methodological aspects of Psychometrics. *Journal for ReAttach Therapy and Developmental Diversities*, 1(1), 44-58. doi: 10.26407/2018jrtd.1.6
- Aragão, Bárbara., & Souza, Sueine, (2018). Misoginia na música: não é uma violência leve. Recuperado de <http://www.justificando.com/2018/01/19/misoginia-na-musica-nao-e-so-uma-violencia-de-leve/>
- Barlett, C. P., & Anderson, C. A. (2011). Reappraising the situation and its impact on aggressive behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 37(12), 1564-1573
- Bandura, A. (1965). Influence of models' reinforcement contingencies on the acquisition of imitative responses. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1, 589-595. doi:10.1037/h0022070

- Bandura, A. (1994). Social cognitive theory of mass communication. In J. Bryant & D. Zillman (Eds.), *Media effects: Advances in theory and research* (pp. 61-90). Hillsdale, NJ: Erlbaum
- Bandura, A. Ross, D. & Ross, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582.
- Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1963). Imitation of film-mediated aggressive models. *Journal of abnormal and Social Psychology*, 66, 3-11. doi: 10.1037/h0048687
- Bargh, J. A., Chen, M., & Burrows, L. (1996). Automaticity of social behavior: Direct effects of trait construct and stereotype activation on action. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(2), 230. doi: 10.1037/0022-3514.71.2.230
- Bargh, J. A., & Pietromonaco, P. (1982). Automatic information processing and social perception: The influence of trait information presented outside of conscious awareness on impression formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 437-449. doi:10.1037/0022-3514.43.3.437.
- Berkowitz, L., Corwin, R., & Heironimus, M. (1963). Film violence and subsequent aggressive tendencies. *Public Opinion Quarterly*, 27, 217-229. doi:10.1086/267162
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos entre Culturas: Algumas Considerações [Cross-cultural adaptation and validation of psychological instruments: Some considerations]. *Paidéia*, 22(53), 423–432. doi: 10.1590/S0103-863X2012000300014
- Bower, G. H. (1981). Mood and memory. *Am. Psychol*, 36, 129-148. doi:10.1037/0003-066X.36. 2.129
- Bryant, F. B., & Smith, B. D. (2001). Refining the architecture of aggression: A measurement model for the Buss–Perry Aggression Questionnaire. *Journal of Research in Personality*, 35(2), 138-167. <https://doi.org/10.1006/jrpe.2000.2302>

- Brown, J. D., Campbell, K., & Fisher, L. (1986). American adolescents and music videos: Why do they watch? *Gazette*, 37, 19-32.
- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The aggression questionnaire. *Journal of personality and social psychology*, 63(3), 452-459.
- Bushman, B. J. (1995). Moderating role of trait aggressiveness in the effects of violent media on aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 950-960.
doi:10.1037/0022-3514.69.5.950
- Bushman, B. J. (1998). Priming effects of violent media on the accessibility of aggressive constructs in memory. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24, 537-545.
doi:10.1177/0146167298245009
- Bushman, B. J., Bonacci, A. M., Pedersen, W. C., Vasquez, E. A., & Miller, N. (2005). Chewing on it can chew you up: effects of rumination on triggered displaced aggression. *Journal of personality and social psychology*, 88(6), 969.
- Bushman, B. J., & Geen, R. G. (1990). The role of cognitive-emotional mediators and individual differences in the effects of media violence on aggression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 156-163. doi:10.1037/0022-3514.58.1.15
- Bushman, B. J., & Gibson, B. (2011). Violent video games cause an increase in aggression long after the game has been turned off. *Social Psychological and Personality Science*, 2(1), 29-32,
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. doi: 10.9788/TP2013.2-16.
- Chaves, F.N. (2010). A sociedade capitalista e o feminino: sua estrutura falocêntrica e a questão da aparência. In: Marcondes-Filho, C. (org.), *Transporizações*. São Paulo: Eca-Usp.
- Casarin, S.T., Porto A.R., Gabatz, R.I.B., Bonow, C.A., Ribeiro J.P., & Mota M.S. (2020).

- Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal Nurse Health*. 10(5). doi: /10.15210/JONAH.V10I5.19924
- Chen, M., Miller, B. A., Grube, J. W., & Waiters, E. D. (2006). Music, substance use, and aggression. *Journal of Studies on Alcohol*, 67(3), 373–381. doi: 10.15288/jsa.2006.67.373
- Cortes, J., Silveira, T.; Dickel, F., & Neubauer, V. A. (2015). Educação Machista e seureflexo como forma de violência institucional. In: *Seminário internacional de educação no Mercosul*. Seminário conduzido em anais, Cruz Alta.
- Dal Cin, S., Stoolmiller, M., & Sargent, J. D. (2012). When movies matter: Exposure to smoking in movies and changes in smoking behavior. *Journal of Health Communication*, 17, 76-89.
- Daugherty, C. G., & Dambrot, F. H. (1986). Reliability of the attitudes toward women scale. *Educational and Psychological Measurement*, 46(2), 449-453. doi: 10.1177/001316448604600221
- Delevi, R., & Bugay, A. (2013). Assessing reliability and validity of the 15-item short version of the Attitudes toward Women Scale (AWS) among Turkish students. *Journal of International Women's Studies*, 14(1), 263-272.
- DeVellis, R. F. (2017). *Scale development: theory and applications*. Thousand Oaks, CA: Sage
- DeWall, C. N., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2011). The General Aggression Model: Theoretical extensions to violence. *Psychology of Violence*, 1, 245–258. <https://doi.org/10.1037/a0023842>
- Eagleton, T. (1991). *Ideology: An Introduction*. Oxford: Verso Books.
- Escobar, Patrícia Elena Santos. (2019). Misoginia e Internet: a manifestação do ódio contra

- mulheres no ambiente virtual e as possíveis implicações da Lei nº 13.642/2018.
- Universidade Federal da Paraíba, Santa Rita, Paraíba, Brasil.
- Fischhoff, S. P. (1999). Gansta' rap and murder in Bakersfield. *Journal of Applied Social Psychology*, 29(4), 795–805. doi:10.1111/j.1559-1816.1999.tb02025.x
- Fischer, P., & Greitemeyer, T. (2006). Music and aggression: The impact of sexual-aggressive song lyrics on aggression-related thoughts, emotions, and behavior toward the same and the opposite sex. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(9), 1165-1176. doi: 10.1177/0146167206288670
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública- FBSP. (2019). Violência contra a mulher: novos dados mostram que 'não há lugar seguro no Brasil'. Recuperado de <http://www.iff.fiocruz.br/pdf/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>
- Fried, R., & Berkowitz, L. (1979). Music hath charms . . . and can influence helpfulness. *Journal of Applied Social Psychology*, 9, 199-208.
- Friedrich, L. K., & Stein, A. H. (1975). Prosocial television and young children: the effect of verbal labeling and role playing on learning and behavior. *Child Development*, 46, 27-38.
- Friedrich, L. K., & Stein, A. H. (1973). Aggressive and prosocial television programs and the natural behavior of preschool children. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 38(151), 63. doi: 10.2307/1165725
- Formiga, Nilton, S., Gouveia, V. V., & Santos, M.N.S. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, 7 (1), 103-111. doi:10.1590/S1413-73722002000100013.
- Funk, Jeanne B., Baldacci, Heidi Bechtoldt., Pasold, Tracie., & Baumgardner, Jennifer. (2004). Violence Exposure in Real-Life, Video Games, Television, Movies, and the Internet: Is There Desensitization? *Journal of Adolescence*, 27(1), 23-39. doi:

10.1016/j.adolescence.2003.10.005

Gabrielsson, A. (2001). Emotion perceived and emotion felt: Same or different? *Musicae Scientiae*, 123–147. doi:10.1177/10298649020050S105

Gentile D. A., Coyne, S. M., & Walsh, D. A. (2011). Media violence, physical aggression, and relational aggression in school age children: a short-term longitudinal study. *AggressBehav*, 193-206.

Gentile, D. A., & Stone, W. (2005). Violent video game effects on children and adolescents. A review of the literature. *Minerva pediatrica*, 57(6), 337-358.

Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating Hostile and Benevolent Sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. doi:10.1037/0022-3514.70.3.491.

Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann Jr., W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37, 504-528.

Greitemeyer, T. (2009). Effects of songs with prosocial lyrics on prosocial thoughts, affect, and behavior. *Journal of Experimental Social Psychology*, 45(1), 186-190. doi: 10.1016/j.jesp.2008.08.003

Gow, J. (1996). Reconsidering gender roles on MTV Depictions in the most popular music videos of the early 1990s. *Communication Reports*, 9(2), 151-161.

Göçmen, İpek & Yilmaz, Volkan. (2016). Exploring Perceived Discrimination Among LGBT Individuals in Turkey in Education, Employment, and Health Care: Results of an Online Survey. *Journal of Homosexuality*. 64 (8). doi: 10.1080/00918369.2016.1236598.

Guaresch, P. A. (2004). Psicologia, Subjetividade e Mídia. Em O. FURTADO, *II Seminário de Psicologia e Direitos Humanos - Compromissos e comprometimentos da psicologia* (pp. 29-34). Recife: Ed. Universitária.

- Guida, H. L., Feniman, M.R., Zanchetta, S., Ferrari, C., Giacheti, C. M., & Zorzetto, N. L. (2007). Revisão Anatômica e fisiológica do processamento auditivo. *Acta ORL*; 25 177-181.
- Gutscher, M., Schramm, H., & Wirth, W. (2011). Musik mit aggressiven Textinhalten. Einfluss auditiver Gewaltdarstellung auf das Aggression- sniveau [Music with aggressive lyrics. The influence of auditive representation of violence on the aggression state]. In G. Hofmann (Ed.), *Musik und Gewalt* (pp. 57–69). Augsburg, Germany: Wissner
- Hair, F.J., Black, W. C., Babin, B., Anderson, R. E., & Tathan, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6ª ed. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Hall, P. Cougar; West, Joshua., & Hill, Shane. (2012). Literal lyrics? The effects of sex, violence and misogyny in popular music. Recuperado de <https://www.deseret.com/2016/4/21/20587102/literal-lyrics-the-effects-of-sex-violence-and-misogyny-in-popular-music#justin-bieber-performs-love-yourself-and-company-during-the-iheartradio-music-awards-at-the-forum-on-sunday-april-3-2016-in-inglewood-calif>
- Hansen, C. H., & Hansen, R. D. (1990). Rock music videos and antisocial behavior. *Basic and Applied Social Psychology*, 11, 357-369.
- Harris, J. L., Bargh, J. A., & Brownell, K. D. (2009). Priming effects of television food advertising on eating behavior. *Health Psychology*, 28, 404-413.
- Hayes, A. F., & Coutts, J. J. (2020). Use omega rather than Cronbach's alpha for estimating reliability. *Communication Methods and Measures*, 14(1), 1-24. doi: 10.1080/19312458.2020.1718629.
- Hill, R. & Savigny, H. (2019). Sexual violence and free speech in popular music. *Popular*

- Music*, 38(2), 237-251. doi:10.1017/S0261143019000096
- Houaiss, A., Villar, M. de S., & Franco, F. M de M. (2004). Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Horn, J. L. (1965). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(2), 179-185.
- Huesmann LR. (1986). Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. *Journal of Social Issues*, 42, 125-140. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1986.tb00246.x>
- Hyden, Colleen., & McCandless. N. J. (1983) Men and women as portrayed in the lyrics of contemporary music. *Popular Music and Society*, 9 (2), 19-26.doi: 10.1080/03007768308591210
- Ilari, Beatriz. (2006). Música, comportamento social e relações interpessoais. *Psicol. estud.* 11 (1), 191-198. doi: 10.1590/S1413-73722006000100022.
- Jacob, C., Guéguen, N., & Boulbry, G. (2010). Effects of songs with prosocial lyrics on tipping behavior in a restaurant. *International Journal of Hospitality Management*, 29, 761– 763. doi: 10.1016/j.ijhm.2010.02.004.
- Johnson, Allan. (1995). The Blackwell Dictionary of Sociology: A User's Guide to Sociological Language. Blackwell Science.
- Sloboda, J. A., & O'Neill, S. A. (2001). *Emotions in everyday listening to music*. In P. N. J Juslin & J. A. Sloboda (Eds.), *Series in affective science. Music and emotion: Theory and research* (p. 415–429). Oxford University Press.
- Kang, H. (2017). Supportive music and imagery with sandplay for child witnesses of domestic violence: A pilot study report. *The Arts in Psychotherapy*, 53, 72-79.
- Kesner, L., & Horáček, J. (2017). *Empathy-Related Responses to Depicted People in Art Works*. *Frontiers in Psychology*, 8, doi:10.3389/fpsyg.2017.00228.

- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York, NY: The Guildford Press.
- Knobloch-Westerwick, S., Musto, P., & Shaw, K. (2008). Rebellion in the top music charts: Defiant messages in rap/hip-hop and rock music 1993 and 2003. *Journal of Media Psychology: Theories, Methods, and Applications*, 20(1), 15-23. doi: 10.1027/1864-1105.20.1.15
- Krause, A. E., & North, A. C. (2019). Pop music lyrics are related to the proportion of female recording artists: Analysis of the United Kingdom weekly top five song lyrics, 1960–2015. *Psychology of Popular Media Culture*, 8(3), 233–242. doi: 10.1037/ppm0000174
- Lawrence, J. S., & Joyner, D. J. (1991). The effects of sexually violent rock music on males' acceptance of violence against women. *Psychology of Women Quarterly*, 15(1), 49–63. doi: 10.1111/j.1471-6402.1991.tb00477.x
- Lemos, Beatriz Monteiro. (2017). *Misoginia, Feminismo e Representações Sociais: o processo de Impeachment de Dilma Rousseff na Imprensa Brasileira* Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Lennings, H.I.B, & Warburton, W.A. (2011). The effect of auditory versus visual violent media exposure on aggressive behavior: The role of songs lyrics, video clips and musical tone. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47(n) 794-799.
- Lindsay, J. J., & Anderson, C. A. (2000). From antecedent conditions to violent actions: A general affective aggression model. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(5), 533–547. doi: 10.1177/0146167200267002
- Lloren, A., & Parini, L. (2017). How LGBT-supportive workplace policies shape the experience of lesbian, gay men, and bisexual employees. *Sexuality Research and Social Policy*, 14 (3), 289-299.

- Mariano, T. E. (2016). O impacto dos videogames nas cognições pró e antissociais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.
- Markert, J. (2001). Sing a song of drug use-abuse: Four decades of drug lyrics in popular music-From the sixties through the nineties. *Sociological Inquiry*, 71, 194-220.
- Martino, S.C., Collins, R.L., Elliott, M.N., Strachman, A., Kanouse, D.E., & Berry, S.H. (2006). Exposure to degrading versus nondegrading music lyrics and sexual behavior among youth. *Pediatrics*, 118, 430-441.
- McQuail, D. (2000). Mass Communication Theory [4.^a edição]. Londres: Sage.
- Narvaz, M. G., & Koller, S.H. (2006). Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicol. Soc*, 18 (1), 49-55. doi. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>.
- North, A.C. & Hargreaves, D.J. (2008). *The Social and Applied Psychology of Music*. Oxford: Oxford University Press
- North, A. C., Tarrant, M., & Hargreaves, D. J. (2004). The effects of music on helping behavior: A field study. *Environment and Behavior*, 36, 266-275. doi: 10.1177/0013916503256263
- Pádua, E. M. M. (2004). Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática. PapirusEditora.
- Pais, J. M. (1998). *Culturas juvenis*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Paiva, T. T.; Pimentel, C. E.; Menezes, T. S. B.; Costa, A. C. R.; Costa, D. G. C., & Vasconcelos, M. H. V. (2020). Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (QA-R): análises estruturais. *Psicol. Conoc. Soc*, 10 (3), pp.96-113. Doi. 10.26864/pcs.v10.n3.7.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*. Porto Alegre, RS: Artmed.

- Pieschl, S., & Fegers, S. (2016). Violent lyrics = aggressive listeners? Effects of song lyrics and tempo on cognition, affect, and self-reported arousal. *Journal of Media Psychology: Theories, Methods, and Applications*, 28(1), 32-41.
- Pimentel, C. E., & Günther, H. (2009). Percepção de letras de músicas como inspiradoras de comportamentos antissociais e pró-sociais. *Psico-PUCRS*, 40 (3), 373-381.
- Recuperado de
https://www.researchgate.net/publication/278675957_Percepcao_de_letras_de_musicas_como_inspiradoras_de_comportamentos_antissociais_e_pro-sociais
- Pimentel, C. E., Gunther, H., & Silva, B. M. F. (2017). Efeitos de letras de música em comportamentos pró-sociais. *Psicologia em Revista*, 23 (1), 66-80.
doi:10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p66-80.
- Pimentel, C. E., & Seco, D. (2011, Maio). *Preferências por filmes de terror, suspense, romance, ação e drama e suas diferenças em níveis de agradabilidade e conscienciosidade*. Pôster apresentado no 7º Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, Salvador, BA.
- Rentfrow, P. J., & Gosling, S. D (2003). The do re mi's of everyday life: The structure and personality correlates of music preference. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(6), 226-236. doi:10.1037/0022-3514.84.6.1236
- Revelle, W., & Zinbarg, R. E. (2009). Coefficients alpha, beta, omega, and the glb: Comments on Sijtsma. *Psychometrika*, 74(1), 145- 154. doi: 10.1007/s11336-008-9102-z.
- Roberts, D. F., Christenson, P. G. & Gentile, D. A. (2003). The effects of violent music in children and adolescents. In D. A. Gentile (Ed.), *Media violence and children* (pp. 153- 170). Westport: CT: Praeger Publishers
- Roberts, D. F., & Henriksen, L. (1990). Music listening vs. television viewing among older

- adolescents. Paper presented at the annual meeting of the International Communication Association, Dublin, Ireland.
- Santos, C. M., & Izumino, W. P. (2005). Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, 16 (1). doi: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.4044698>
- Scherer, K.R., Zentner, M.R. (2001). Emotional effects of music: production rules. In P. S. Juslin, *Music and emotion: theory and research* (pp. 361– 392). New York: Oxford University Press.
- Schwartz, K.D., & Fouts, G.T. (2003). Music preferences, personality style, and developmental issues of adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 32, 205-221
- Silva, R. S., Schlottfeldt, C. G., Rozenberg, M. P., Santos, M. T., & Lelé, Álvaro J. (2007). Replicabilidade do Modelo dos Cinco Grandes Fatores em medidas da personalidade. *Mosaico: Estudos Em Psicologia*, 1(1).
- Sommers-Flanagan, Rita., Sommers-Flanagan, John., & Davis, Britta. (1993). What's Happening on Music Television? A Gender Role Content Analysis. *Sex Roles*. 28. 745-753. doi: 10.1007/BF00289991
- Spence, J. T., & Helmreich, R. L. (1972). The Attitudes Toward Women Scale: An objective instrument to measure attitudes toward the rights and roles of women in contemporary society. *Catalog of Selected Documents in Psychology*, 2, 66–67.
- Spence, J.T. & Helmreich, R.L. (1978). Masculinity and femininity: Their psychological dimensions, correlates and antecedents. Austin, Texas: University of Texas Press.
- Spence, J. T., & Hahn, E. D. (1997). The attitudes toward women scale and attitude change in college students. *Psychology of women quarterly*, 21(1), 17-34. doi:10.1111/j.1471-6402.1997.tb00098. x.
- Statista. (2019). Global recorded music revenue from 1999 to 2019. In.: Statista – The

Statistics Portal. Recuperado de <https://www.statista.com/statistics/272305/global-revenue-of-the-music-industry/>

- Sun, Y., Lu, X., Williams, M., & Thompson, W. F. (2019). Implicit violent imagery processing among fans and non-fans of music with violent themes. *Royal Society Open Science*.
- Tekman, H. G., & Hortaçsu, N. (2002). Music and social identity: Stylistic identification as a response to musical style. *International Journal of Psychology*, 37, 227-285.
- Thompson, W. F., Geeves, A. M., & Olsen, K. N. (2018). Who enjoys listening to violent music and why? *Psychology of Popular Media Culture*, 8(3), 218-232. doi: 10.1037/ppm0000184
- Vasconcelos, M. S., Holanda, V. R., & Albuquerque, T. T. (2016). Perfil do agressor e fatores associados à violência contra mulheres. *Cogitare Enfermagem*, 21 (1). doi: 10.5380/ce.v21i1.41960.
- Wester, S. R., Crown, C. L., Quatman, G. L., & Heesacker, M. (1997). The influence of sexually violent rap music on attitudes of men with little prior exposure. *Psychology of Women Quarterly*, 21, 497–508. doi: 10.1111/j.1471-6402.1997.tb00127.x
- Weeks, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. (2001). In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Whatley, M. A. (2008). The Dimensionality of the 15 Item Attitudes Toward Women Scale. *Race, Gender & Class*, 15 (1-2), 265-273.
- Woulfe, J. M., & Goodman, L. A. (2018). Identity abuse as a tactic of violence in LGBTQ communities: Initial validation of the identity abuse measure. *Journal of interpersonal violence*, 1-21.
- Zampieri, A. M. F. (2004). Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade - sexualidade

conjugal e prevenção de HIV e da AIDS. São Paulo: Editora Ágora.

Zillmann, D. (1971). Excitation transfer in communication-mediated aggressive behavior.

Journal of Experimental Social Psychology, 7 (4). 419-434. doi:

[https://doi.org/10.1016/0022-1031\(71\)90075-8](https://doi.org/10.1016/0022-1031(71)90075-8)

Zillmann D. (1988). Cognition-excitation interdependencies in aggressive behavior.

Aggressive Behavior, 14(1). 51-64. doi: [https://doi.org/10.1002/1098-](https://doi.org/10.1002/1098-2337(1988)14:1<51::AID-AB2480140107>3.0.CO;2-C)

[2337\(1988\)14:1<51::AID-AB2480140107>3.0.CO;2-C](https://doi.org/10.1002/1098-2337(1988)14:1<51::AID-AB2480140107>3.0.CO;2-C)

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) colaborador (a),

A presente pesquisa está sendo desenvolvida pela aluna de Mestrado em Psicologia Social da UFPB, Débora Cristina Nascimento de Lima, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel.

Solicitamos a sua colaboração para responder um questionário (com duração média de 20 minutos), assim como requerer sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos além de possíveis publicações em revistas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa oferece como riscos, possíveis desconfortos, podendo o participante enfrentar apenas algum constrangimento ou estresse ao ler a redação dos itens.

Respeitando as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial as Resoluções do CNS 466/12 e 510/16, o presente estudo foi submetido e aprovado pelo o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (CEP/CCS), com o CAAE: 18776419.0.0000.5188, estando de acordo com todos os preceitos legais.

Esta pesquisa terá como benefício a promoção de reflexão dos participantes frente a temática exposta. Vale ressaltar, que o estudo não acarretará nenhuma despesa ao colaborador.

Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora e a única condição participação é ter acima de 18 anos. Caso seja de seu interesse, ao fim da pesquisa, uma devolutiva pode ser apresentada.

Por fim, colocamo-nos à sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, entre em contato com a pesquisadora Débora Cristina Nascimento de Lima, telefone: (83) 988131472, e-mail: cristina.n@hotmail.com ou para o Comitê de Ética em Pesquisa/Centro de Ciências e Saúde, telefone: (83) 32167791

ANEXO II INSTRUMENTOS

Escala de Atitudes Frente a Mulher (Attitudes Toward Women Scale) Spence e Helmreich, (1978)

Instruções: As afirmações listadas abaixo descrevem atitudes frente aos diferentes papéis que a mulher pode exercer na sociedade. Não há respostas certas ou erradas, apenas opiniões. Por favor, expresse seus sentimentos sobre cada afirmação de acordo com a escala de resposta.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Nem concordo Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

___ Palavrões e imoralidades são mais desagradáveis no discurso de uma mulher no que de um homem.

___ Os homens deveriam dividir as tarefas domésticas com as mulheres que trabalham fora.

___ É humilhante para as mulheres que haja uma cláusula de "obediência" no casamento.

___ Uma mulher deve ter a mesma liberdade que o homem para pedir alguém em casamento.

___ As mulheres deveriam se preocupar menos com seus direitos e mais em se tornarem boas esposas e mães.

___ As mulheres devem assumir o seu direito de terem as mesmas profissões que os homens.

___ Uma mulher não deveria ir aos mesmos lugares ou ter a mesma liberdade que um homem.

___ É ridículo para uma mulher dirigir um ônibus e para um homem costurar.

___ A liderança intelectual da sociedade deve estar na mão do homem.

___ Mulheres devem ter as mesmas oportunidades que os homens em relação ao aprendizado de várias profissões.

___ As mulheres que ganham tanto quanto seus companheiros devem dividir a conta quando

saem juntos.

___ Em uma família, os meninos deveriam ser mais encorajados a ir para a universidade do que as meninas.

___ No geral, o pai deve ter maior autoridade do que a mãe na educação dos filhos.

___ Ter a liberdade econômica e social vale muito mais para a mulher do que aceitar o papel da “dona de casa” que foi criado pelos homens.

___ Há muitos trabalhos que os homens devem ter preferência sobre as mulheres ao serem contratados ou promovidos.

Inventário de Sexismo Ambivalente (Ambivalent Sexism Inventory) Formiga, Gouveia e Santos (2002).

Instruções: Por favor, expresse seus sentimentos sobre cada afirmação de acordo com a escala de resposta, não há respostas certas ou erradas.

1	2	3	4
Discordo Totalmente	Discordo	Concordo	Concordo Totalmente

___ Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher

___ Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios

___ Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro

___ Mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas

___ Mulheres se ofendem muito facilmente

___ Ninguém é feliz sem ter um(a) companheiro(a)

___ Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder

___ Mulheres têm pureza que poucos homens possuem

___ Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens

___ Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas

___ Todo homem deve ter uma mulher a quem amar

___ Homem está incompleto sem mulher

- ___Mulheres exageram problemas no trabalho
- ___Mulher procura controlar ao homem comprometido com ela
- ___Mulheres alegam discriminação em derrotas justas
- ___Uma boa mulher deve ser posta no pedestal por seu homem
- ___Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aosHomens
- ___Mulheres têm maior sensibilidade moral
- ___Homens devem prover segurança econômica a mulheres
- ___Feministas fazem demandas irracionais aos homens
- ___Mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto

Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida (Aggression Questionnaire short version) Paiva, Pimentel, Menezes, Costa, Costa, Vasconcelos (2020).

Instruções: Por favor, leia atentamente as frases abaixo e, pensando em você mesmo (a), indique o quanto concorda ou discorda de cada uma delas. Para isso utilize a escala de resposta a seguir.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo em parte	Nem discordo nem concordo	Concordo em parte	Concordo Totalmente

- _____ Existem pessoas que me enfrentaram e chegamos às vias de fato.
- _____ Não posso deixar de entrar em discussões quando as pessoas não concordam comigo.
- _____ Meus amigos dizem que sou um tanto argumentativo.
- _____ Eu fico irritado com facilidade, mas também supero isso rapidamente.
- _____ Muitas vezes eu discordo das pessoas.
- _____ Eu me pergunto porque às vezes me sinto tão amargo sobre certas coisas.
- _____ As outras pessoas sempre parecem levar vantagem sobre mim.
- _____ Às vezes eu perco a razão sem nenhum motivo.
- _____ Se eu for provocado o suficiente, posso bater em outra pessoa.
- _____ Algumas vezes eu sinto que sou tratado injustamente na vida.
- _____ Tenho dificuldades em controlar meu temperamento.
- _____ Eu já ameacei pessoas que conheço.

**Inventário de personalidade de dez itens (Ten Items of Personality Inventory)Pimentel e
Seco (2011)**

Instruções: Aponte em que medida você concorda ou discorda com as afirmações a seguir

1	2	3	4	5	6	7
Discordo fortemente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo fortemente

Eu me vejo como alguém...

_____Extrovertido, entusiasta.

_____Crítico, briguento.

_____Confiável, autodisciplinado.

_____Ansioso, que se chateia facilmente

_____Aberto a novas experiências, complexo.

_____Reservado, quieto.

_____Simpático, acolhedor.

_____Desorganizado, descuidado.

_____Calmo, emocionalmente estável.

_____Convencional, sem criatividade.

Questionário Sociodemográfico

Com o fim de conhecer algo mais acerca dos participantes deste estudo, pedimos que responda as perguntas a seguir.

Idade: _anos

Gênero: () Feminino () Masculino () Outro

Orientação Sexual: () Homossexual () Heterossexual () Bissexual () Outro

Estado Civil: () Solteiro () Em um relacionamento () Separado/Divorciado () União

Estável () Viúvo () Casado

Escolaridade: () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo ()

Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo () Pós-Graduação Incompleta

() Pós-Graduação Completa

Estado/ Cidade: _____

Classe Social: () Baixa () Média baixa () Média alta () Alta

Religião: () Católico () Protestante () Espírita () Religião de Matrizes Africanas

() Agnóstico () Sem religião

O quão religioso você é: Nada religioso 0 1 2 3 4 5 Totalmente religioso

ANEXO III

LETRAS DE MÚSICAS

Música: Amigos para todos os momentos; Grupo Controle (João Carreiro e Capataz, 2009)

Brasil povo amigo, solidário Irmãos da mesma raça e emoção
Frente às dificuldades
Damos prova de união
Povo de um enorme coração
Brasil povo amigo, solidário
Irmãos da mesma raça e emoção
Frente às dificuldades
Damos prova de união
Povo de um enorme coração
Vamos dar as mãos vamos ajudar
A reconstruir vamos nos amar levar a esperança
E apagar a dor
Brasil tenho orgulho do seu grande amor
E o sol vai brilhar
Flores vão nascer
Sementes brotar no amanhecer vamos enxugar
Do rosto o sofrimento
Amigo não tem hora nem chuva nem vento
Não há pobre nem há rico
O que vale é a intenção
Pois sempre um ombro amigo Nos dá força e direção vamos dar as mãos
Vamos ajudar A reconstruir
Vamos nos amar levar a esperança E apagar a dor
Brasil tenho orgulho do seu grande amor
E o sol vai brilhar
Flores vão nascer
Sementes brotar
Num novo amanhecer vamos enxugar
Do rosto o sofrimento

Amigo não tem hora é pra todo momento lá rá lá lá lá...

Lá rá la la la...La rá la la la...Lala lala lala...

Vamos enxugar

Do rosto o sofrimento

Amigo não tem hora é pra todo momento

Música: Bruto, rústico e sistemático; Grupo Experimental 1 (João Carreiro e Capataz, 2009)

Tudo que dá na TV minha muié qué fazê não mede as consequências
Fez um tar de topless quando vi me deu um stress
Pd minha paciência
Por mim faltaram respeitona muié eu dei um jeito
Corretivo do meu modo no quarto deixei trancada
Quinze dias aprisionada
E com ela não incomodo aqui não
Posso até não ser simpático comigo não tem desculpa minha criação é xucra
A verdade ninguém furta
Sou bruto, rústico e sistemático
Fim de semana passada
Conheci o namorado da minha filha caçula
Achei que não deu pareia
Tava de brinco na orelha E o corpo cheio de figura não suportei muito tempo
Nesse relacionamento eu tive que opinar
Sujeitinho era roqueiro
Não dá certo com violeironós num ia combinar aqui não
Posso até não ser simpático
Comigo não tem desculpa
minha criação é xucra A verdade ninguém furta
Sou bruto, rústico e sistemático Sistema que fui criado
Ver dois homem abraçado Pra mim era confusão
Mulher com mulher beijando
Dois homens se acariciando Meu Deus, que decepção
Mas nesse mundo moderno
Não tem errado e nem certo Achar ruim é preconceito
Mas não fujo à minha essência
Pra mim isso é indecência ninguém vai mudar meu jeito aqui não
Posso até não ser simpático comigo não tem desculpa minha criação é xucra
A verdade ninguém furta
Sou bruto, rústico e sistemático

Música: Desatino; Grupo Experimental 2 (João Carreiro e Capataz, 2003)

Você é objeto jogado às traçasque não recicla
Você é poesia de baixo calãoque não se recita
Você é obra interminada que ninguém cita
Na verdade, eu não sei o que você éCoisa esquisita!
Descartável, desprezível
Abominável, Impossível de te aguentarintragável, insensível
Modo horrível esse seu jeito de amardescartável, desprezível
Abominável, Impossível de te aguentarintragável, insensível
Modo horrível esse seu jeito de amar
Coitada das pessoas que convivem no mesmo meio que o seu
Infeliz seja aquele casal
Que te pôs nesse mundo de Deus
Maldita seja a hora e o dia
Que o meu caminho cruzou o seu
Pra você entrar na minha vida
E machucar um coraçãoque só amor te deu descartável, desprezível
Abominável, Impossível de te aguentarintragável, insensível
Modo horrível esse seu jeito de amar
descartável, desprezível
Abominável, Impossível de te aguentarintragável, insensível
Modo horrível esse seu jeito de amar